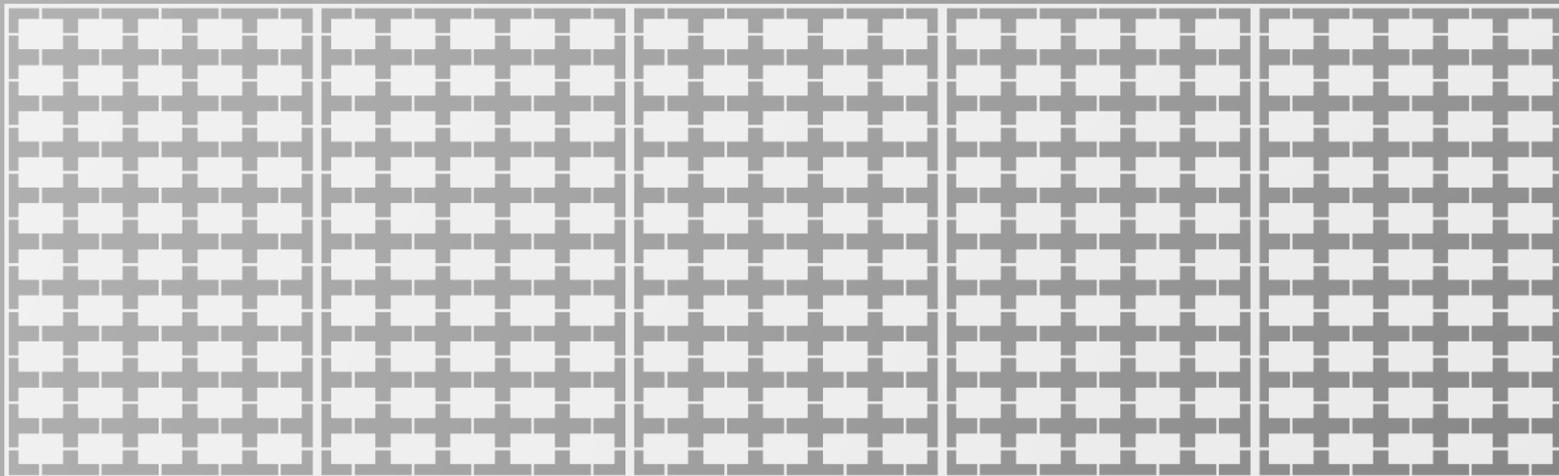


# Integrando Subjetividades:



ANTEPROJETO DE UM CENTRO DA DIVERSIDADE NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

JOSÉ FERNANDES DA SILVA NETO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
ARQUITETURA E URBANISMO

JOSÉ FERNANDES DA SILVA NETO

# **Integrando Subjetividades:**

Anteprojeto de um Centro da Diversidade na Universidade Federal de Pernambuco

Recife  
2023

JOSÉ FERNANDES DA SILVA NETO

# Integrando Subjetividades:

Anteprojeto de um Centro da Diversidade na Universidade Federal de Pernambuco

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo

Orientadora: Lívia Morais Nóbrega

Recife  
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva Neto, José Fernandes da.

Integrando Subjetividades: anteprojeto de um Centro da Diversidade na  
Universidade Federal de Pernambuco / José Fernandes da Silva Neto. - Recife,  
2023.

96 : il.

Orientador(a): Lívia Morais Nóbrega

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de  
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Arquitetura e Urbanismo -  
Bacharelado, 2023.

Inclui referências, apêndices.

1. Arquitetura. 2. Diversidade. 3. Universidade. 4. Subjetividade. I. Nóbrega,  
Lívia Morais. (Orientação). II. Título.

720 CDD (22.ed.)

# Agradecimentos

Agradeço a Deus por toda força que me foi dada para superar cada desafio nesse curso.

Aos meus pais, por sempre estarem presentes na minha caminhada e serem meus maiores apoiadores e sempre acreditarem em mim.

À minha mãe Vanusa, que ainda lá em 2015, me deu todo suporte na mudança de curso, por me ouvir em momentos difíceis e sempre estar presente, mesmo que distante. Obrigado por todos os ensinamentos e por sempre me estimular a estudar.

Ao meu pai Ivan, por se mostrar presente sempre se colocando a disposição para resolver qualquer problema que aparecesse e, do jeito dele, sempre incentivar a seguir o caminho que eu escolhesse.

À minha irmã Marina, por ter me aguentado nesses últimos meses, em todos os momentos, seja numa conversa corriqueira do dia a dia, até mesmo me ouvindo falar horas e horas de arquitetura sem entender nada.

Ao meu namorado Zayron, que chegou nesses últimos meses de finalização, pelo companheirismo e incentivo nessa reta final. Por todas as mensagens de “falta pouco”, “tá quase acabando”, “você consegue”, que me dava forças em momentos de desânimo.

À minha orientadora Livia, que sem me conhecer, aceitou minha proposta e me orientou da melhor forma que poderia ter acontecido. Mesmo em meio aos percalços, sempre deixou claro o quanto o projeto poderia melhorar, por acreditar em mim e sempre incentivar a finalizar esse trabalho.

Ao meu eterno GE Sensix e suas diversas formações, em especial à Ana Carolina (Déa), Camila, Raíssa e Polly, agradeço por todos os dias, aulas, caronas,

madrugadas, choro, risadas, piadas e entregas de projeto que dividimos. Sem vocês essa caminhada não teria sido a mesma. Obrigado por deixarem esse percurso mais leve.

Aos meus professores e colegas de curso, por todos os ensinamentos e trocas de experiência e conhecimentos para minha formação profissional e acadêmica.

Aos meus amigos, em especial à Douglas, Caio, Lucas Serpa, Antônio, Dominique, Elisa, que aguentaram eu falar de TCC por longos meses, mas que sempre seguiram me incentivando a concluir.

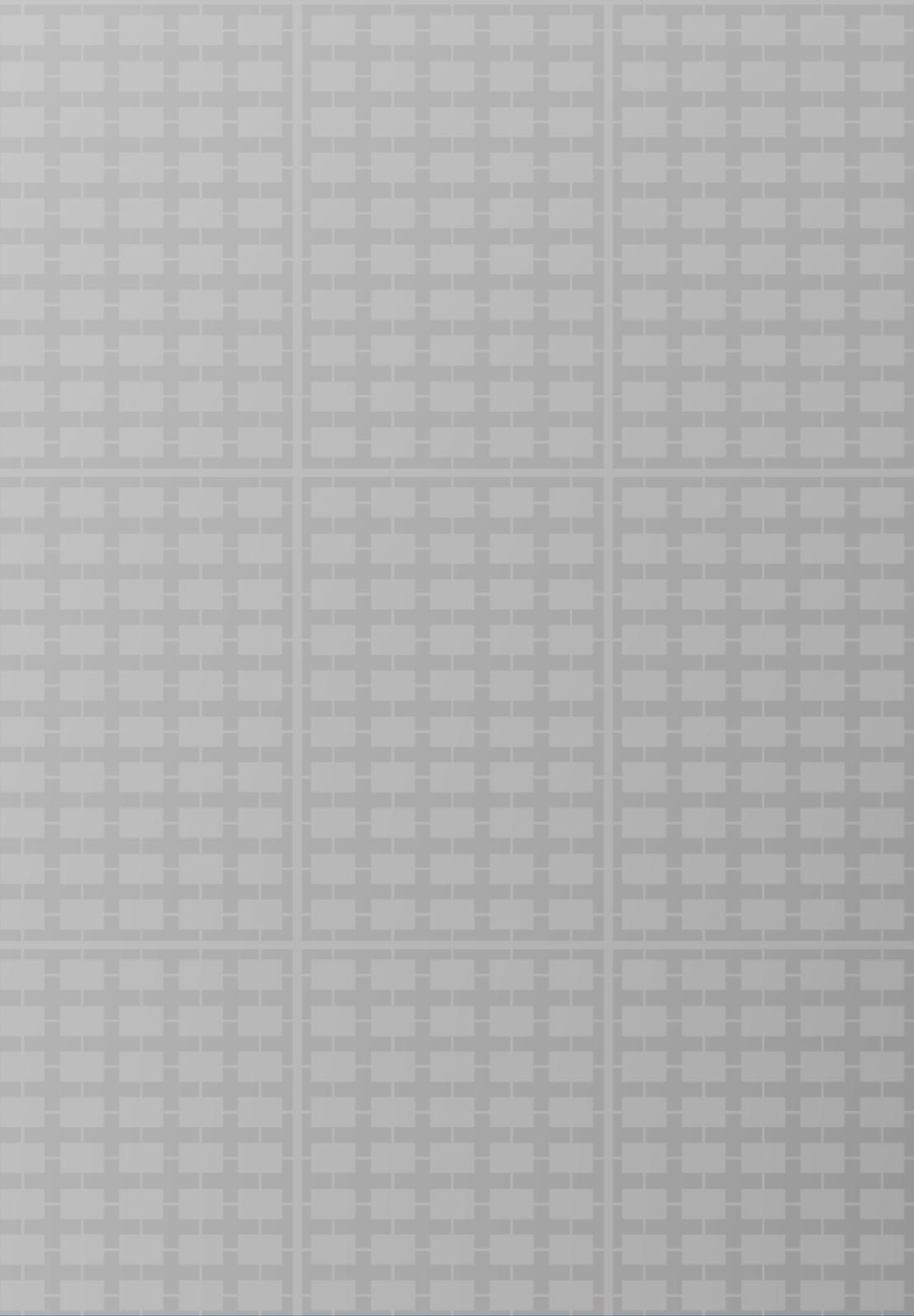
Ao pessoal do NEMAM/UFRPE, que me acolheram tão bem no meu primeiro estágio, me instruindo e sempre me incentivando. À Ana Dulce e à Carla Coelho, como duas primeiras chefes, foram essenciais no meu crescimento profissional. Obrigado por tudo!

À Duit Arquitetura, nas figuras de Ana Neri e Manu Falcão, que me acolheram, ainda na pandemia, e me deram oportunidade de crescer ainda mais enquanto profissional.

À Ana Neri, minha chefe, pela oportunidade e acolhimento que me foi confiado. Obrigado por sempre me incentivar e sempre acreditar no profissional que me tornei.

Aos meus eternos professores do ICA e da ETE MAA, que sempre acreditaram que eu seria um grande profissional. Em especial à Tia Sol, que esteve comigo desde pequeno, e me acompanhou em diversas fases da minha vida, eternas saudades.





“Fazer funcionar o acontecimento como portador eventual de uma nova constelação de Universos de referência.” (GUATTARI, 2011, p.19)



# Resumo

Historicamente, a produção formal da cidade é elaborada a partir de visões de uma determinada classe dominante que as moldam de acordo com suas necessidades, acentuando assimetrias de poder que se perpetuam ao longo das décadas. Neste processo, os corpos desviantes, isto é, da população LGBTQIA+, de pretos e de portadores de deficiência, dentre outros, são frequentemente submetidos a um questionável discurso de liberdade e de igualdade de oportunidades, que os mantém à margem do pleno exercício de seus direitos e subjetividades. Essas condições encontram rebatimento na cidade, nos diversos fragmentos e instituições que a constituem. Nesse contexto, este trabalho busca investigar tais questões no contexto do Campus Recife da Universidade Federal de Pernambuco, instituição que, para além de ser um importante extrato da cidade, atende a diversos grupos minoritários, com barreiras físicas e sociais. Deste modo, o presente trabalho propõe um anteprojeto arquitetônico para um Centro da Diversidade, ligado ao Comitê de Ações Afirmativas da UFPE, de modo a investigar como a arquitetura, e suas implicações urbanas e paisagísticas, pode operar como meio para a promoção dos direitos, e também das subjetividades destes corpos, de modo a demonstrar o seu papel enquanto agente social de mudança. Em última instância, este trabalho busca reivindicar a existência de um equipamento plural, diverso e autêntico, que evidencie as diferenças históricas, econômicas, culturais e principalmente aquelas que vêm dos corpos que fogem à norma – de cor, de raça, de gênero, de sexualidade ou de constituição física, para que, assim, a arquitetura alcance seu pleno sentido.

**Palavras-chave:** arquitetura; diversidade, universidade, subjetividade

# Abstract

Historically, the formal production of the city is elaborated from the visions of a certain dominant class that shapes them according to their needs, accentuating power asymmetries that are perpetuated throughout the decades. In this process, deviant bodies, that is, of the LGBTQIA+ population, black people, and people with disabilities, are often subjected to a questionable discourse of freedom and equal opportunities, which keeps them on the margins of the full exercise of their rights and subjectivities. These conditions are reflected in the city, in the various fragments and institutions that constitute it. In this context, this paper seeks to investigate such issues in the context of the Recife Campus of the Federal University of Pernambuco, an institution that, besides being an important part of the city, serves various minority groups, with physical and social barriers. Thus, this paper proposes a preliminary architectural design for a Center of Diversity, linked to the Affirmative Action Committee of UFPE, in order to investigate how architecture, and its urban and landscape implications, can operate as a means to promote the rights and also the subjectivities of these bodies, in order to demonstrate its role as a social agent of change. Ultimately, this work seeks to claim the existence of a plural, diverse, and authentic facility that highlights the historical, economic, cultural differences, and especially those that come from bodies that are outside the norm - of color, race, gender, sexuality, or physical constitution, so that, in this way, architecture can achieve its full meaning.

**Keywords:** architecture; diversity; university; subjectivity

# Lista de Figuras

|   |    |
|---|----|
| Figura 1 - Batalha de StoneWall 1969. (Domínio Público).....  | 19 |
| Figura 2 - Movimento estudantil (Fire Universitário, 2011)....                                      | 27 |
| Figura 3 - Reportagem pichação homofóbica na UFPE. (Portal Geledés, 2016) .....                     | 28 |
| Figura 4 - Postagem sobre as ações do Núcleo de Acessibilidade. (UFPE, 2022).....                   | 29 |
| Figura 5 - Postagens sobre as ações do Núcleo LGBT. (UFPE, 2022) .....                              | 30 |
| Figura 6 - Postagens sobre as ações do Núcleo ERER. (UFPE, 2022) .....                              | 31 |
| Figura 7 - Ações do NEG/UFPE (NEG, 2016) .....  | 31 |
| Figura 8 - Faculdade de Direito do Recife .....   | 34 |
| Figura 9 - Escola de Engenharia, 1949 (Bandeira, sem datação) .....                                 | 34 |
| Figura 10 - Faculdade de Medicina do Recife (Bandeira, sem datação) .....                           | 34 |
| Figura 11 - Planta da Cidade do Recife e Arredores com localização do Campus UFPE em destaque. .... | 35 |
| Figura 12 - Plano Diretor da UFPE, 1949 (UFPE, 1985) .....  | 36 |
| Figura 13 - Perspectiva do Campus Universitário Joaquim Amazonas, 1949 (Cabral, 2006).....          | 36 |
| Figura 14 - Plano Diretor da UFPE 1951 (UFPE, 1985) .....   | 37 |
| Figura 15 - Plano Diretor da UFPE 1955 (UFPE, 1985) .....   | 38 |
| Figura 16 - Plano Diretor da UFPE 1957 (UFPE, 1985) .....   | 38 |
| Figura 17 - Plano Diretor da UFPE 1985 (UFPE, 1985) .....   | 39 |
| Figura 18 - Zoneamento Plano Diretor 2020. (Recife, 2020)...  | 41 |
| Figura 19 - Ampliação do Uso do Solo - Plano Diretor da UFPE 2020 (UFPE, 2020) .....                | 42 |
| Figura 20 - Mapa Temporalidades UFPE. (Autorial, 2023).....   | 43 |
| Figura 21 - Mapa Escala Cívica/Instrumental (Autorial, 2023).....                                   | 44 |
| Figura 22 - Mapa de Usos (Autorial, 2023) .....   | 45 |
| Figura 23 - Mapa de Fluxos (Autorial, 2023).....  | 46 |
| Figura 24 - Mapa de Cheios e Vazios (Autorial, 2023).....   | 47 |
| Figura 25 - Forças e Fraquezas da área (Autorial, 2023) .....                                       | 48 |
| Figura 26 - Área de Projeto - Vazio Urbano. (Autorial, 2023) .....                                  | 49 |

|   |    |  |    |
|---|----|--|----|
| Figura 27 - Trecho da R. Costa Sepúlveda: visada para área de projeto. (Autorial, 2023).....  | 50 | Figura 37 - Imagem aérea do LA LGBT Center. Leong Leong, 2014. ....                                      | 60 |
| Figura 28 - Inflexão entre a Av. Prof. Moraes Rego com a R. Costa Sepúlveda. (Autorial, 2023).....                                  | 50 | Figura 38 - Fachada LA LGBT Center. Leong Leong, 2014.....   | 60 |
| Figura 29 - Trecho da R. Lindolfo Color: atividade bancária e comércio informal. (Autorial, 2023) .....                             | 51 | Figura 39 - Planta Baixa do Térreo do LA LGBT Center. Leong Leong, 2014 (editado pelo autor).....        | 61 |
| Figura 30 - Trecho da R. Lindolfo Color: passeio arborizado. (Autorial, 2023).....  | 51 | Figura 40 - Croquis esquemáticos das áreas do sobrado. Artur Duarte e Renato Cymbalista, 2019.....       | 62 |
| Figura 31 - Primeira edição do evento Curta a UFPE. (UFPE, 2023) .....  | 53 | Figura 41 - Fachada Centro de Acolhimento Casa 1. Casa 1, 2019. ....                                     | 63 |
| Figura 32 - Fachada do SESC Guarulhos. Nelson Kon / SESC-SP .....   | 57 | Figura 42 - Croquis esquemáticos das áreas do Galpão Casa 1. Artur Duarte e Renato Cymbalista, 2019..... | 63 |
| Figura 33 - Praça de Convivência. Pedro Mascaro / SESC-SP. 57   |    | Figura 43 - Fachada do Galpão Casa 1. Casa 1, 2019.....  | 64 |
| Figura 34 - Planta Baixa SESC Guarulhos – Pav. Térreo: estudo usos e zoneamento.....  | 58 | Figura 44 - Evento no Galpão Casa 1. Casa 1, 2019. ....  | 64 |
| Figura 35 - Planta Baixa SESC Guarulhos – Pav. Intermediário: estudo usos e zoneamento. (Archdaily, 2019 – editado pelo autor)..... | 59 | Figura 45 - Diretrizes para o plano geral da quadra. (Autorial, 2023).....                               | 66 |
| Figura 36 - Planta Baixa SESC Guarulhos – Pav. Superior: estudo usos e zoneamento. (Archdaily, 2019 – editado pelo autor).....      | 59 | Figura 46 - Perspectiva esquemática com definição de usos para o plano geral. (Autorial, 2023).....      | 68 |
|   |    | Figura 47 - Plano Geral para a quadra.....   | 69 |
|   |    | Figura 48 - Rua Costa Sepúlveda, acesso ao Centro da Diversidade. (Autorial, 2023).....                  | 70 |

|   |    |   |    |
|---|----|---|----|
| Figura 49 - Rua Lindolfo Color, acesso ao edifício dos Núcleos. (Autorial, 2023).....                           | 70 | Figura 61 - Vista Painel Centro da Diversidade (Autorial, 2023) ..... | 78 |
| Figura 50 - Organograma do Comitê de Ações Afirmativas (UFPE, 2023).....  | 72 |   |    |
| Figura 51 - Plantas Térreo e 1 Pavimento.....   | 73 |   |    |
| Figura 52 - Acesso Centro da Diversidade (Autorial, 2023).....  | 74 |   |    |
| Figura 53 - Hall Centro da Diversidade (Autorial, 2023).....  | 74 |   |    |
| Figura 54 - Pátio Centro da Diversidade (Autorial, 2023) .....  | 75 |   |    |
| Figura 55 - Sala de Exposição Centro da Diversidade (Autorial, 2023) .....                                      | 75 |   |    |
| Figura 56 - Vista do Foyer para o Auditório e Acervo Biblioteca (Autorial, 2023).....                           | 76 |   |    |
| Figura 57 - Vista Foyer para Salas Multiuso e Sala de Estudo (Autorial, 2023).....                              | 76 |   |    |
| Figura 58 - Fachada de Acesso a Sede dos Núcleos (Autorial, 2023) .....   | 77 |   |    |
| Figura 59 - Fachada Interna Sede dos Núcleos e Passarela interligando as duas edificações (Autorial, 2023)..... | 77 |   |    |
| Figura 60 - Vista Jardim Interno à quadra (Autorial, 2023).....   | 78 |   |    |

# Sumário

|     |   |    |
|-----|---|----|
| 1.  | INTRODUÇÃO.....                         | 13 |
| 2.  | DAS RELAÇÕES DE SUBJETIVIDADE.....      | 17 |
| 2.1 | CIDADE - PESSOA.....                    | 18 |
| 2.2 | PESSOA - CIDADE.....                    | 23 |
| 2.3 | PESSOA - CIDADE - UNIVERSIDADE.....     | 26 |
| 3.  | DO OBJETO: O CAMPUS RECIFE DA UFPE..... | 33 |
| 3.1 | CRIAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO.....             | 34 |
| 3.2 | TERRITÓRIO URBANO.....                  | 41 |
| 3.3 | PERCEPÇÕES.....                         | 52 |
| 4.  | DA PROPOSTA: CENTRO DA DIVERSIDADE..... | 55 |
| 4.1 | ESTUDOS DE REFERÊNCIA.....              | 56 |
| 4.2 | PROJETO.....                            | 65 |
| 5.  | CONSIDERAÇÕES FINAIS.....               | 80 |
| 6.  | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....         | 82 |
|     | APÊNDICES.....                          | 87 |

# 1. Introdução

Tornar os espaços urbanos e edifícios mais plurais e inclusivos requer uma abordagem colaborativa e multidisciplinar, que considere as necessidades e expectativas das diversas comunidades que habitam esses espaços. Os arquitetos e urbanistas têm um papel fundamental a desempenhar nesse processo, trabalhando para criar espaços que estimulem a integração social, a diversidade cultural, e que desestabilizem as convenções da arquitetura tradicional (CORTÉS, 2008, p. 28).

Segundo Montaner e Muxí (2019), “A arquitetura tem uma estreita relação com a vida humana; portanto, tem muito a ver com o poder político e econômico” (p. 15). Assim, a construção social dos espaços reflete as relações de poder que existem na sociedade e como elas se manifestam em espaços específicos, expressando os interesses das classes dominantes e reiterando a problemática da subordinação cultural das minorias. Além de serem representadas de maneira estereotipada ou marginalizada nos espaços públicos ou em

edificações, o que reforça as desigualdades sociais e culturais existentes.

Ainda que nas últimas décadas, o Brasil tenha introduzido diversas políticas e leis na intenção de melhorar a qualidade de vida, visando garantir o usufruto e o pleno gozo dos espaços públicos pelas minorias, o país ainda é o mais perigoso do mundo para a população LGBTQIA+, por exemplo. Segundo relatórios da ANTRA – Associação Nacional de Travestis e Transexuais, no ano de 2022, em números absolutos, Pernambuco foi o estado que mais matou a população trans, totalizando 13 assassinatos e pulando da 5ª posição para assumir o primeiro lugar. O assassinato brutal de Roberta da Silva, em 2021, mulher trans que teve 40% do corpo queimado por um adolescente, no centro do Recife, demonstra a situação de vulnerabilidade que a população LGBTQIA+ vive no país.

Mas essas desigualdades e discriminações não afetam somente a comunidade LGBTQIA+. As pessoas com deficiência e as pessoas negras também enfrentam desafios significativos em suas vidas cotidianas, incluindo acesso limitado à educação, oportunidades de emprego e serviços de saúde de qualidade.

Segundo pesquisa sobre Pessoas com Deficiência e as Desigualdades Sociais, realizada pelo IGBE, destaca que apenas uma parcela da população (28,3%) (BRASIL, 2022) estão empregadas e, mesmo assim, seus salários são significativamente menores em comparação com os trabalhadores sem deficiência. Da mesma forma, segundo o IBGE, no estudo sobre Desigualdades por Cor e Raça, apresenta que as pessoas negras têm taxas mais altas de desemprego (16,5%) e são sub-representadas em posições de lideranças, alcançando apenas 29,5% desses cargos (BRASIL, 2022).

Toda essa violência gerada pelo preconceito é um forte indício do quanto ainda é preciso aprofundar o debate e as ações afirmativas referentes às questões de direitos humanos. A falta de discussão sobre questões ligadas à identidade de gênero, sobre as necessidades de acessibilidade, do respeito às diferentes raças e cores, e direitos humanos em espaços de formação, como as universidades, já que essas podem ser consideradas um extrato da nossa sociedade, podem desencadear reproduções das discriminações e normativas enraizadas na sociedade, como discutido no capítulo 2.

Atravessa, portanto, esse trabalho a frequente problemática da sensação de insegurança, a questão do medo e da violência, que ainda persiste em diversas cidades brasileiras. Porém, sabemos que essa insegurança não é igual para todos, e que certos grupos são mais vulneráveis a diferentes tipos de violência. Pessoas LGBTQIA+, pessoas negras, pessoas com deficiência e outras minorias são frequentemente alvos de discriminações, o que pode tornar essa sensação mais presente em suas vidas cotidianas, uma vez que esse medo constante e tentativa de se adequar para se sentir seguro é uma forma de violação do seu direito à cidade. Portanto, pensar em espaços urbanos e edifícios mais acolhedores e seguros para essa população significa promover cidades melhores para todos (MONTANER, MUXI, 2019).

Nesse contexto, o objetivo deste TCC é desenvolver um anteprojeto de um Centro da Diversidade, localizado na Universidade Federal de Pernambuco, em conformidade com os núcleos que compõem o Comitê de Ações Afirmativas desta instituição, como forma de promoção de um espaço plural, onde se acentuem as diferenças históricas, culturais, e sobretudo

aquelas que vêm dos corpos, estimulando autenticidade nas relações sociais e pertencimento individual e coletivo.

Para tal, o trabalho se divide em três capítulos. O primeiro capítulo, intitulado Das Relações de Subjetividades, discute a noção de direito à cidade, sua relação com a sociedade, e as transformações por ela promovidas nos espaços urbanos. Os subcapítulos, que tecem relações a partir de binômios, Cidade – Pessoa e Pessoa – Cidade, trazem uma revisão de literatura de trabalhos acadêmicos e obras já existentes sobre a direito à cidade, além de levantamentos de dados que auxiliassem na construção da compreensão do trinômio Pessoa – Cidade – Universidade, que traz as motivações da escolha do local de inserção do projeto. Logo, pretende-se ainda realizar uma primeira aproximação ao objeto empírico de estudo, uma vez que as universidades, hoje em dia, apresentam uma diversidade em seu corpo social, e podem ser entendidas como uma amostra da sociedade brasileira.

No segundo capítulo, Do Objeto: O Campus Recife da UFPE, busca-se insumos para o desenvolvimento da proposta, a partir de uma revisão de literatura sobre o objeto empírico

específico, o Campus da UFPE Joaquim Amazonas, analisando as diferentes propostas para seu plano urbano; além de estudos de legislação e morfologia da área como uma compreensão do conjunto edificado – utilizando a metodologia aplicada por Christine Mahler em sua tese Territórios Universitários: tempo, espaços, forma (2015).

Por último, no terceiro capítulo, Da Proposta: Centro da Diversidade, após os estudos teóricos e as análises morfológicas, desenvolveu-se uma proposta de um plano geral de intervenção para a referente quadra escolhida, e anteprojeto arquitetônico para as edificações que contemplarão o Centro da Diversidade e a Sede dos Núcleos do Comitê de Ações Afirmativas da UFPE. Para a construção do capítulo, utilizou-se a análise de projetos de referência, elaboração de mapas e levantamento do contexto urbano para o desenvolvimento da proposta.

Dessa forma, espera-se com o presente trabalho, refletir como a arquitetura pode contribuir significativamente para a criação de espaços que promovam a inclusão social, e a igualdade de acesso aos benefícios que a cidade e a universidade podem oferecer.

## 2. Das Relações de Subjetividade

Para a construção desse trabalho, o capítulo inaugural explora a noção de direito à cidade, e sua relação com a sociedade e as mudanças que ela promove nos espaços urbano. Através dos binômios Cidade – Pessoa e Pessoa – Cidade é possível um aprofundamento nessa temática, e uma compreensão mais ampla do trinômio Cidade – Pessoa – Universidade. Dessa forma, a abordagem busca compreender de que forma as relações entre Pessoa e Cidade se estabelecem, em especial no contexto universitário, a fim de propor estratégias e ações para melhorar a qualidade de vida das pessoas, e promover uma cidade mais justa e igualitária.

## 2.1 Cidade – Pessoa

A prática espacial da cidade reflete uma deterioração da vida social, uma vez que os espaços que a compõem perdem de vista um conjunto de determinações sociais, políticas e econômicas que atuam sobre ela. Já que não são produzidas pensando no coletivo, mas a partir de visões de uma determinada classe, estabelecem um campo estruturado em torno das desigualdades, opressões e exclusões que definem a própria sociabilidade capitalista. Diante disso, a discussão inaugural de Henri Lefebvre prossegue atual, quando afirma:

A cidade é uma mediação entre as mediações. Contendo a ordem próxima, ela a mantém; sustenta relações de produção e de propriedade; é o local de sua reprodução. Contida na ordem distante, ela se sustenta; encarna-a; projeta-a sobre um terreno (o lugar) e sobre um plano, o plano da vida imediata; a cidade inscreve essa ordem, prescreve-a, escreve-a, texto num contexto mais amplo e inapreensível como tal a não ser para a meditação. (...) Se há uma produção [social] da cidade, e das relações sociais na cidade, é uma produção e reprodução de seres humanos por seres humanos, mais do que uma produção de

objetos. A cidade tem uma história; ela é obra de uma história, isto é, de pessoas e de grupos bem determinados que realizam essa obra nas condições históricas. (LEFEBVRE, 2001, p. 52).

Assim, Lefebvre abre um novo horizonte para reflexão, ao apresentar a cidade como espaços sócio-historicamente produzidos e condicionados a partir de um discurso ideológico, reificado pela prática cotidiana da (sobre)vivência dos diferentes corpos no espaço urbano. Permite-nos compreender a cidade como componente constituinte do real em sua totalidade histórico-material; a despeito de mero espaço-urbano-naturalizado – ou seja, ambiente idealmente equânime, onde todos os cidadãos teriam os mesmos direitos e possibilidades, visto o caráter hipoteticamente público dos espaços das cidades –, a cidade se coloca, então, como um campo de disputa.

Muito além de um espaço físico trivial, onde ocorrem os conflitos, a cidade se estrutura enquanto reflexo da contrariedade inata à organização social desigual própria do

capitalismo, de tal maneira, que as possibilidades, direitos e benesses são distribuídas desigualmente entre os sujeitos.

Nessa perspectiva, a cidade paralelamente retrata e conforma os conflitos históricos de classe – juntamente com os de raça e gênero – que acontecem, visto que a sua própria configuração é, em si, um constructo favorável às manifestações através das relações de poder e saber, como um instrumento de grande utilidade por conseguir, ao mesmo tempo, representar a autoridade e disfarçar suas ligações com ela sob um discurso tecnicista destituído de ideologia. Assim, os espaços acabam sendo condicionados a partir de uma normatização, comportamentos permitidos e desejados, por uma política que não aceita que diferentes corpos possam transitar e ocupar livremente.

De fato, não há como afastar a cidade de seu caráter ideológico, já que essas relações de classe permeiam a realidade urbana. Para Engels e Marx (2009, p.67), “as ideias da classe dominante são, em todas as épocas, as ideias dominantes, ou seja, a classe que é o poder material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, o seu poder estrutural dominante”. Isso



Figura 1 - Batalha de StoneWall 1969. (Domínio Público)

significa dizer que a classe dominante amplia suas ideias, exprimindo-as de forma universal como as únicas válidas, e se aproveitando do confronto social para a sua manutenção, através da falta de percepção das diferentes identidades e das diferenças entre elas.

Aliadas ao patriarcalismo e à heteronormatividade, as ideias das classes dominantes constituem, sobretudo na cidade, uma questão a ser analisada de forma cautelosa, já que sua

sustentação se vale por meio de sistemas arraigados na sociedade. Nesse sentido, Cortês (2008) aponta que muitos consideram que esse entorno arquitetônico e seu papel na configuração da vida diária não são passíveis de questionamento, assim, tornando a arquitetura como uma das estruturas ideológicas e de representação mais eficazes e poderosas, capaz de fortalecer a exploração, e aprofundar as desigualdades sociais.

Desse modo, o que se verifica é que esses dois sistemas, patriarcal e heteronormativo, ainda perfazem e representam o processo de produção dos espaços, traçando valores ideológicos e normas comportamentais, dotando a realidade urbana de um conteúdo muito específico. Como nos aponta Cortês (2008):

Um conteúdo que, na maioria das vezes, costuma responder à subjetividade dos homens brancos, misóginos e heterossexistas, que além de tudo possuem poder econômico, têm veículo próprio, são independentes, não envelhecem nem necessitam de ajuda. (p. 142)

Ou seja, uma aposta ideológica marcada pela tentativa de invisibilizar os vários setores minoritários e que, em

contrapartida, quer se colocar como uma proposta “neutra” e única para o conjunto da sociedade, ceifando outros modos de ocupar o urbano. A cidade torna-se, então, um espaço de disputas de heterogêneas manifestações. Portanto, pensar os corpos minoritários: de mulheres, negros, indígenas (povos originários), LGBTQIA+ (incluindo-se, portanto, não só as sexualidades dissidentes, mas também as identidades de gênero), pessoas com deficiência e as diversas outras categorias das minorias socioculturais, é questionar quem decide a circulação desses espaços.

Dentro da estrutura ideológica da cultura ocidental, a vida urbana sugere encontros e confrontos, resistências e sobrevivências, mas para isso é preciso reconhecer a luta comum, coletiva dos sujeitos que não se adéquam à normalização. Conseqüentemente, a partir da legitimação dessas normas de convivência, aliadas a naturalização do discurso do que é a cidade e para quem é a cidade, que as fronteiras entre o público e o privado vão se enraizando, determinando em quais locais essas manifestações são permitidas, desenvolvendo tipos de controle e de vigilância.

Assim, como Foucault vai buscar em *Vigiar e Punir* (2005), a cidade se configura como um dispositivo de manutenção biopolítica que regula a vida dos coletivos e de seus modos de habitar a cidade, hierarquizando os espaços e as relações, objetivando a manutenção da vigilância e punição.

O poder disciplinar é [...] um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”: ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. [...] “Adestra” as multidões confusas [...] (FOUCAULT, 2005, p.143).

Dessa maneira, a cidade se apresenta como um espaço que rejeita a diferença, constituindo sistemas fechados de convivência que sugere a proibição de manifestações marginais. Sendo assim, se coloca como um produto privado de alguns para alguns, subordinando o restante a ajustar-se, capturando modos de existir e interiorizando os fluxos do capital, com objetivo de moldar subjetividades. Como Guattari e Rolnik (2000), reitera:

O que caracteriza os modos de produção capitalística é que eles não funcionam unicamente

no registro dos valores de troca, valores que são da ordem do capital, das semióticas monetárias ou dos modos de financiamento. Eles funcionam também através de um modo de controle da subjetivação [...]. (p.16)

Entretanto, ainda que os processos de subjetivação estejam em pauta, é necessário reconhecer as potências coletivas que delatam os padrões da política com direção regulatória. No lugar da homogeneidade e do consenso, reconhece-se a heterogeneidade, que é tão preterida pelo urbanismo contemporâneo, uma vez que catalisa os processos revolucionários germinando, reinterpretando e reestruturando o espaço construído, compondo concomitantes processos de desconstrução, e nesse meio desenhando os espaços das diversas cidades que existem em cada uma delas, diferentes segundo as diferenças sociais, culturais, sexuais, etc. das pessoas que habitam.

Posto isto, a cidade abarca movimentos territorializados e territorializantes, dando visibilidade a setores despossuídos, dotando o espaço público como uma perspectiva para a criação de áreas de convivência e traçá-los como espaços de combinação multifacetada da realidade civil, uma vez que as cidades são

cristalizações de processos políticos, históricos e culturais pelos quais as pessoas e seu habitat são produzidos e produzem reciprocamente. Espaços geográficos, mas também espaços simbólicos, onde os sujeitos vivem em harmonia e livres da exploração, da espoliação e da desigualdade. Espaços que hajam como uma contínua manifestação da liberdade e igualdade, onde a cidade não seja mais o símbolo da segregação, mas da diferença que, as subjetividades múltiplas, diversas, que contemplam na

vivência intersubjetiva, coletiva e comunitária entre os indivíduos, são exaltadas.

## 2.2 Pessoa – Cidade

Muitos autores já discutiram sobre a função principal da obra arquitetônica: a necessidade de proteção e convivência. No entanto, uma outra atribuição é a da possibilidade de pensar a relação que as pessoas estabelecem com seus espaços. O desenvolvimento do processo de subjetivação, pode ser pensado partindo da compreensão da influência da arquitetura nas artes, linguagem e afetos, podendo ser explorada nos espaços tanto individuais, quanto coletivamente habitados.

O ato de habitar revela as origens ontológicas da arquitetura, lida com as dimensões primordiais de habitar o espaço e o tempo, ao mesmo tempo em que transforma um espaço sem significado em um espaço especial, um lugar e, eventualmente, o domicílio de uma pessoa. O ato de habitar é o modo básico de alguém se relacionar com o mundo. É fundamentalmente um intercâmbio e uma extensão; por um lado, o habitante se acomoda no espaço e o espaço se acomoda na consciência do habitante, por outro, esse lugar se converte em uma exteriorização e uma extensão de seu ser, tanto do ponto de vista físico quanto mental. (PALLASMAA, 2017, p. 7 e 8).

Assim, à medida que o espaço é utilizado, uma vez que ele é usufruto de várias maneiras, pessoas e tempos diferentes, ele torna-se um produtor de sentido, gerando sua qualificação e identificação social, uma relação entre objetos, edifícios e pessoas. Ocorre a possibilidade do encontro e das experiências, de se deixar afetar e entender que a existência e funcionamento dele, se deve ao conjunto ao qual está situado e por aqueles que o frequentam, resultando um espaço criado para criar.

Entretanto, para se conseguir de fato a produção da autenticidade nas relações sociais e nos espaços é preciso ir de encontro com a subjetividade maquínica. Guattari, conforme citado por González Rey (2003, p.113) defende que a subjetividade é sempre uma produção social, o processo de singularização é vinculado ao criar seus próprios tipos de referências, não somente dentro das relações sociais, mas também com os elementos que interagimos, como música, objetos, o entorno, estimulando novas percepções e sensibilidades.

Muito além da condição precedente, onde há a dominação dos corpos através de dispositivos disciplinares, que estabelecem regras de controle, a cidade é resultado de uma atividade, logo possui uma dimensão temporal. O produto social, que não permanece estático, estabelece um conjunto de relações lógicas com tudo a nossa volta, entre criador e criação, que potencializa as transformações em nível singular, como também na arquitetura e o espaço que transitamos. Assim, os espaços concebidos sob uma perspectiva contemporânea, não apresentam funções definidas, mas deixam a cargo dos usuários sua apropriação, gerando potências de fluxos os quais reverberam em todo um contexto já estabelecido.

Lefebvre, em sua obra *A Produção do Espaço* (2000), constitui um importante debate acerca da produção social do espaço, no qual sugere que a formação se dá através de três aspectos inter-relacionados: a prática espacial (ou seja, o espaço material), a representação do espaço (o espaço como linguagem codificada) e o espaço representacional (associado à experiência cotidiana de viver no espaço). No entanto, é através da relação ao corpo humano que o espaço alcança seu pleno sentido, uma

vez que o corpo produz, vive, faz parte, e percebe o espaço à sua volta.

Traçando esse paralelo com a obra de Lefebvre, sugerindo a existência de uma permeabilidade que confunde as delimitações entre corpo e meio, ou seja, entre sujeito e espaço, Rosane Araújo (2011), em *A cidade sou eu*, desenvolve essa relação entre pessoa e mundo. “Não há como separar pessoa de mundo”, o corpo é poroso, logo existe uma relação daquilo que o rodeia e o toca, que são elementos que mimetizam forças ativas que afetam.

Sendo assim, essa porosidade permite que cada sujeito seja uma continuação daquilo que o envolve, um prolongamento do ambiente ao qual está inserido, bem como da cidade em que habita. O corpo e mente se deixam ser afetados e afetam o seu entorno, conformam o que a autora classifica como “pessoa-cidade”, um não existe sem a presença do outro. Ao mesmo tempo que é um modo urbano de viver e ocupar o mundo, a cidade é um produto da existência humana.

Cada pessoa-cidade é resultante da enorme quantidade de variáveis que mudam de acordo com

a configuração das formações de cada um em cada situação. A cidade que cada pessoa é, resulta de um conjunto enorme de formações. Por mais que algumas pessoas possam compartilhar algumas formações em comum, a resultante de todas as formações que constituem uma pessoa nunca será igual à outra. (ARAÚJO, 2011)

Por isso o espaço é fundamental para a criação social da subjetividade, afinal, é a representação material da ordem social. O espaço se converte em lugar através da arquitetura, e nós, nos auto definimos dentro de um entorno e de um lugar. Ressaltamos os espaços onde nos tornamos visíveis, e é esse ato de visibilidade que define nosso papel na sociedade. Diante disso, as cidades e edifícios são construídos segundo a própria imagem dos seres humanos, e se utilizam desse processo fundamental para construírem-se como indivíduos e como grupo.

Dessa forma, pessoas e cidade se confundem. Cada sujeito é atravessado pela cidade, à medida que as pessoas também afetam as cidades com suas ações e narrativas, a fim de construir a realidade urbana. Assim, a produção da subjetividade de cada um mobiliza os constantes movimentos desses corpos desconstruindo a ideia de um único modelo de cidade, e conseqüentemente, propondo um conceito urbanístico que

pautem o contexto sociocultural e a atuação dos setores marginalizados, para que não falte nenhuma realidade sem representação, para que não existam corpos ausentes, e que vá muito além de um modelo único de sexualidade, gênero, cor ou raça que rege as relações de existência.

## 2.3 Pessoa – Cidade – Universidade

Tendo em vista os processos socioculturais e políticos que produzem a cidade como formação a partir das dinâmicas internas, devemos analisar duas possibilidades. Por um lado, a cidade constitui a esfera da possibilidade de existência entre diferentes, garantindo direitos e cidadania, ao levar em conta fatos sociais, políticos e culturais, pensando em um contexto coletivo. Mas por outro, considerando as marcas que as cidades carregam por diversos regimes de discriminação e violência, se vertem em produções e reproduções das desigualdades, hierarquias e segregações.

Assim, quando se reitera que a produção do espaço compreende, também, aspectos culturais, é afirmar que a cidade é construída por pessoas, principalmente levando em conta os diferentes marcadores sociais, cujas práticas e experiências são fundamentais para a composição de padrões de sociabilidade, mas sobretudo, para a geração de sentimentos de pertença e identificação.

Partindo desse pressuposto, o ambiente universitário, que na última década tem estado em constante transformação, utopicamente, como Santomé (2002) e Borrillo (2009) reiteram em seus discursos as bases ideológicas do que viria a ser a Universidade, trazem reflexões acerca do lugar e do papel ao qual a comunidade acadêmica se insere. Ou seja, cabe à Universidade a garantia e ajuda na formação de seus estudantes, permitindo que as identidades e singularidades de cada sujeito sejam respeitadas e combatendo as possíveis discriminações no que diz respeito à diversidade, seja étnico-racial, financeira, de gênero, sexual, entre outras.

O sistema universitário que conhecemos, hoje, no Brasil, é resultante de um intenso movimento ocorrido nos primeiros anos da década de 1960, do qual participaram os docentes, pesquisadores e o movimento estudantil, que visou sobretudo uma modernização e expansão das instituições públicas federais, dado o crescimento acelerado que houve no ensino superior público entre o período de 1945 – 1965. Alinhado a esse estopim

no número de matrículas e a institucionalização dos campos de pesquisa, que se estruturou com a Reforma Universitária de 1968, o processo de democratização do acesso a universidade deixou de ser uma utopia, e se tornou um movimento de oposição a essa postura elitista. Restando as instituições legitimarem as reivindicações desses movimentos e de modo a viabilizar e possibilitar não apenas o acesso, mas também a permanência de todos.



Figura 2 - Movimento estudantil (Fire Universitário, 2011)

Uma das tentativas mais recentes, que se pode elencar, da democratização universitária é a Lei de Cotas (Lei nº 12.711/2012), que possibilitou uma diversidade de discentes com acesso à Universidade. Ou seja, alunos pretos, pardos, indígenas, portadores de deficiência e alunos da rede pública de ensino passaram a integrar o cenário das universidades brasileiras. No entanto, o fato de terem acesso à Universidade não lhes deu garantia de permanência ou mesmo de se desvencilhar das discriminações cotidianas. Isso se deve ao fato de que, embora hoje a universidade consiga apresentar um cenário mais diverso quanto ao seu corpo social (alunos, professores, técnicos), os estudantes com perfis divergentes daqueles que, social e historicamente, são tido como ideais e naturais ao ambiente universitário, — brancos, heterossexuais, cisgêneros e com poder aquisitivo elevado —, ainda encontram uma atualização e reprodução das desigualdades sociais, hierarquias de gênero, raça e sexualidade. Dessa forma, pode-se pensar que a universidade, como sendo um recorte social do espaço da cidade, é dotada de regras e princípios e tem sido palco de intolerâncias, violências e privilégios (Figura 03)

### Pichação no banheiro da UFPE lança discurso de ódio contra os gays

09/07/2016 em LGBTQIA+ Tempo de leitura: 2 mins read

AA

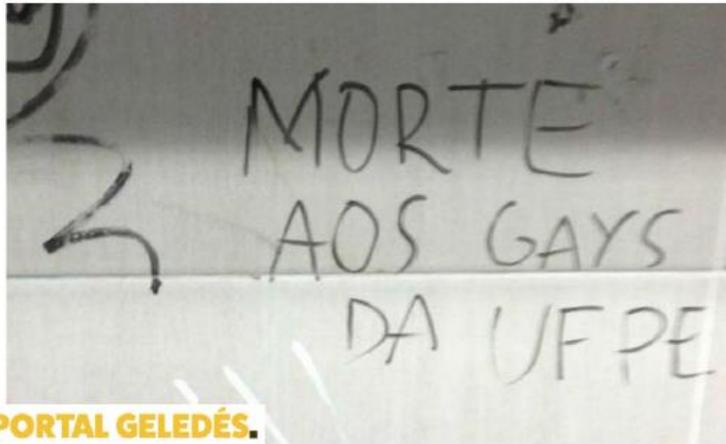


Figura 3 - Reportagem pichação homofóbica na UFPE. (Portal Geledés, 2016)

Grande parte em virtude de uma maior miscigenação encontrada nas universidades, dado que houve uma grande diversificação racial e socioeconômica, onde pesquisas mostram que hoje 52% dos alunos são pretos, pardos e indígenas<sup>1</sup>, é perceptível o aumento de mobilizações que reflitam uma maior

<sup>1</sup> Dados produzidos pelo CAA a partir da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios (PNAD) do IBGE

visibilidade à diversidade no âmbito do ensino superior, que travam um importante debate para a diminuição de discriminações. É o que se consegue compreender na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, recorte de estudo escolhido para abrigar o projeto ao qual esse presente trabalho foi desenvolvido.

No decorrer da última década, a UFPE, além de se inserir na democratização do acesso ao ensino superior com a Lei de Cotas, tem se empenhado em dar mais visibilidade a esses grupos minoritários. Em sua Resolução N° 02/2020, a universidade instituiu o Comitê de Políticas Afirmativas, vinculado ao Gabinete do Reitor, do qual fazem parte três núcleos, como o de Acessibilidade, LGBT e Políticas de Educação das Relações Étnico-Raciais, com a finalidade de propor e articular políticas e ações que visam uma garantia de igualdade de direitos e oportunidades à pessoas com deficiência, indígenas, LGBTQIA+, mulheres, pessoas negras e pardas, quilombolas, dentre outras no âmbito institucional, que conta com as seguintes atribuições:

- assessorar diretamente o Reitor na formulação e execução de políticas e ações estratégicas para a promoção da igualdade racial, étnica e de gênero;
- propor, articular, coordenar e acompanhar políticas transversais para a promoção da igualdade de direitos e oportunidades no âmbito da UFPE;
- estabelecer formas de acesso mais abrangentes e democráticas assegurando às pessoas com deficiência o acesso e a permanência em igualdade de oportunidades;
- propor regulamentações necessárias para implementação de políticas e procedimentos de promoção de direitos para justiça social no âmbito da UFPE. (UFPE, 2020)

Tendo sido o primeiro núcleo a ser instituído, pela Portaria Normativa N° 04, de 16 de fevereiro de 2016, o Núcleo de Acessibilidade (NACE/UFPE), tem por finalidade o apoio e a promoção da acessibilidade aos estudantes e servidores que tenham algum tipo de “deficiência, mobilidade reduzida, transtorno funcional específico de aprendizagem, transtorno global do desenvolvimento e/ou altas habilidades/superdotação.” (UFPE, 2016) . Diante disso, foi possível perceber que a universidade tem se empenhado em garantir a inclusão e permanência desses no âmbito universitário, através da adequação de seus edifícios e passeios,

assim como, um estímulo maior à produção nos três eixos que compõem o ensino superior: ensino, pesquisa e extensão, garantindo maior visibilidade a essa parcela de seu corpo social.



Figura 4 - Postagem sobre as ações do Núcleo de Acessibilidade. (UFPE, 2022)

O Núcleo LGBT UFPE, assim como o NACE, tem por objetivo uma maior inclusão e visibilidade para esse grupo da sociedade. Anteriormente chamado de Diretoria LGBT, com atuação desde 2015, o núcleo já definia seu principal objetivo: o acolhimento, a inserção e a permanência da comunidade LGBTQIA+ na UFPE, sendo responsáveis por coordenar e implementar ações afirmativas e projetos relacionados aos

direitos dessa população. Hoje, sendo regulamentado pela Portaria Normativa N° 40, de 11 de novembro de 2020, o núcleo se vincula ao Gabinete do Reitor visando uma efetiva garantia de direitos e atuação a favor do respeito à dignidade das pessoas LGBTQIA+, através de 4 eixos de ações: preventivas – campanhas de conscientização e sensibilização quantos aos direitos da comunidade; cine debates e cursos de capacitação –, protetivas – mapeamento de LGBTfobia –, saúde da população LGBTQIA+ – manutenção do Espaço de Apoio e Acolhimento de Pessoas Transexuais, das Travestis e Intersexuais (Espaço Trans) do Hospital das Clínicas (HC/UFPE) – e de pesquisa e extensão – através da realização de eventos acadêmicos que promovam o debate sobre as questões que envolvem a população LGBTQIA+.



Figura 5 - Postagens sobre as ações do Núcleo LGBT. (UFPE, 2022)

O Núcleo de Políticas de Educação das Relações Étnico-Raciais da UFPE – Erer/UFPE, também integrante do Comitê de Ações Afirmativas da UFPE, tem dentre seus principais objetivos a promoção das políticas de Educação das Relações Étnico-Raciais, não somente no âmbito da comunidade acadêmica, mas na sua relação com toda sociedade. E, como princípio, a equidade para a garantia dos direitos educacionais e o combate ao racismo e às desigualdades que afetam a permanência e o desenvolvimento do povo negro, indígena, cigano e quilombola que compõem a comunidade acadêmica da UFPE. Baseada em 4 eixos, Pesquisa, Formação, Informação e Comunicação e Ações Afirmativas, a atuação do Núcleo Erer/UFPE, se desenvolve

através de uma construção coletiva, que dialoga com diversos setores da instituição, propondo, articulando ações com grupos, núcleos e laboratórios, que trabalham a temática étnico-racial na UFPE, permitindo que as políticas de afirmação e inclusão sejam mais eficazes.



Figura 6 - Postagens sobre as ações do Núcleo ERER. (UFPE, 2022)

Além das ações no âmbito acadêmico da UFPE, cabe introduzir também iniciativas específicas do curso de Arquitetura e Urbanismo, especificamente do NEG/UFPE, Núcleo de Estudos em Espaço e Gênero. O grupo, formado espontaneamente a partir da demanda de alunos de graduação do curso de arquitetura e urbanismo, envolvendo, também,

alunos da Pós-Graduação MDU, que estavam desenvolvendo trabalhos de conclusão voltados para essa temática, promoveu dois seminários de estudos, que tiveram como temática a relação da arquitetura e cidade e mulheres.



Figura 7 - Ações do NEG/UFPE (NEG, 2016)

Nesse sentido, para além da construção de políticas públicas que reivindiquem o espaço universitário para as minorias sociais, o comitê abre espaço para uma produção científica, que auxilia na desconstrução acerca da discriminação e do preconceito, não somente no âmbito universitário, mas de modo a contribuir socialmente com a redução das desigualdades e vulnerabilidades enfrentadas pelas diversas comunidades. Logo, é uma tentativa da construção de um lugar voltado ao respeito das singularidades de cada estudante, sendo compreendido como um local fundamental no processo de mudança sociocultural, por ser um terreno frutífero para a construção de respeito e de equidade no que condiz a pluralidade, assegurando sentimentos de pertença, participação e convivência social.

# 3.Do Objeto: o Campus Recife da UFPE

Para além do entendimento teórico fundamentado acerca da relação do direito à cidade por comunidades minoritárias e a promoção de subjetividade em espaços coletivos e individuais, faz-se pertinente uma leitura mais aprofundada sobre o objeto empírico ao qual o presente trabalho vai se debruçar, o Campus da UFPE Reitor Joaquim Amazonas, para que se possa entender o lugar, e traçar uma análise de suas transformações ao longo do tempo até os dias atuais, de maneira a trazer insumos ao desenvolvimento do projeto.

## 3.1 Criação e Consolidação

A Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), instituída em 20 de junho de 1946 pelo Decreto-Lei da Presidência da República nº 9.388, com a denominação de Universidade do Recife (UR), foi formada pela reunião de diversas instituições de ensino superior já existentes na cidade, como a Faculdade de Direito, fundada em 1827; a Faculdade de Medicina (1920), com as unidades anexas de Odontologia e Farmácia; a Escola de Engenharia (1895); a Escola de Belas Artes (1932) e a Faculdade de Filosofia (1941), todas localizadas no centro da cidade.

Com a aglutinação das principais faculdades em uma única instituição, em 1947, no reitorado do então professor Joaquim Amazonas, foram iniciadas as ações para a construção da Cidade Universitária, espaço que viria a incorporar todos os edifícios para o pleno funcionamento da UR. A localização do tão almejado campus universitário, segundo Moreira (2019), foi palco de grandes discussões, levando em conta os diferentes estudos de viabilidade de sua implantação nos bairros de Santo



Figura 8 - Faculdade de Direito do Recife (Bandeira, sem datação)

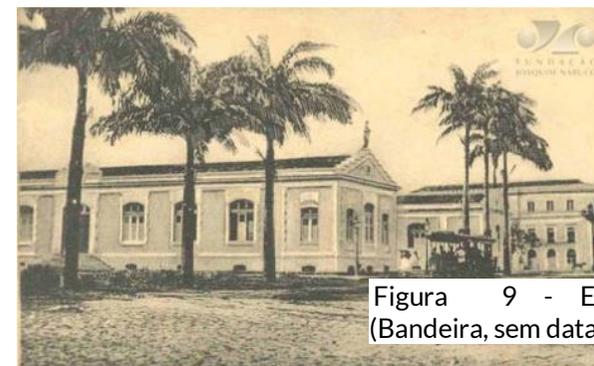


Figura 9 - Escola de Engenharia, 1949 (Bandeira, sem datação)



Figura 10 - Faculdade de Medicina do Recife (Bandeira, sem datação)

Amaro e Joana Bezerra, no centro expandido de Recife; Ibura, na Zona Sul; e Várzea, na Zona Oeste.

No entanto, a influência dos campi surgidos nos Estados Unidos, com a reunião das diferentes escolas em um lugar distante do centro da cidade, cessando com a concepção das universidades europeias espalhadas na malha urbana, foi um dos motivos pelo qual a Várzea foi escolhida para abrigar o campus universitário da cidade do Recife. Com uma localização privilegiada, uma vez que estava situada às margens da terceira perimetral do sistema viário radioconcêntrico da cidade e próxima a dois importantes eixos urbanos, as avenidas Caxangá e Abdias de Carvalho, a implantação se consolida como um novo processo de ocupação da periferia da cidade, um tema que esteve presente em vários debates urbanísticos que Recife sediou no século XX, através da criação de equipamentos, como aeroporto e o próprio campus, de nova rede de vias e perimetrais, se apresentando como um centro polarizador da expansão da malha urbana do Recife (MOREIRA; CUNHA; VIEIRA, 2019 p.03).

Após o debate acerca da localização, o processo projetual do campus se inicia em 1949 encomendado ao

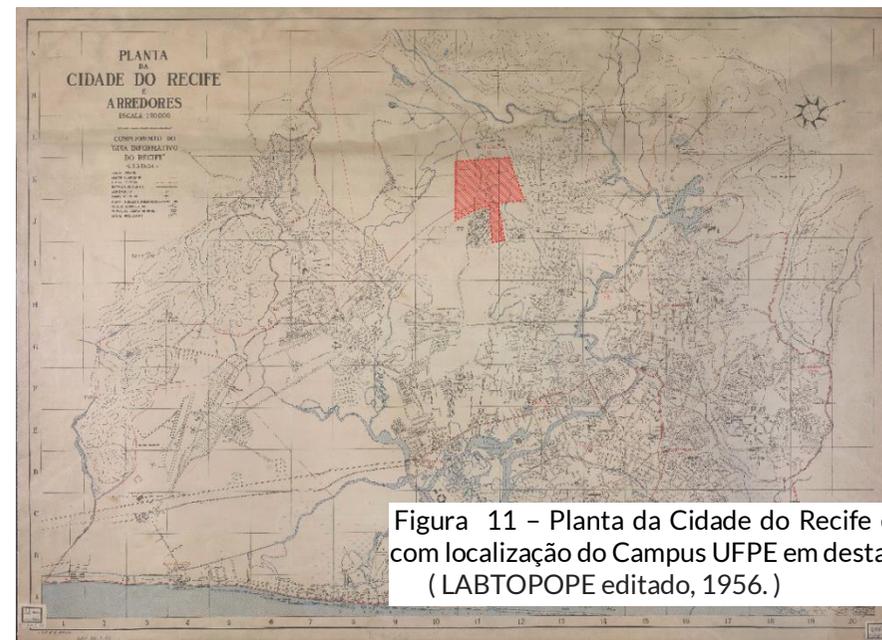


Figura 11 – Planta da Cidade do Recife e Arredores com localização do Campus UFPE em destaque. ( LABTOPOPE editado, 1956. )

arquiteto italiano Mario Russo, recém-chegado ao Recife como convidado para lecionar arquitetura na Escola de Belas Artes de Pernambuco (EBAP). O primeiro estudo para o plano urbanístico é um notório exemplo dos princípios que marcam o urbanismo moderno associado à Carta de Atenas e de autonomia em relação à cidade, comum à outros projetos de cidades universitárias, como nas de São Paulo e Rio de Janeiro, dotadas de unidades didáticas, de lazer, de esportes e residenciais. O

modelo apresentado por Russo contava com um anel viário delimitando a área do campus com possibilidade de acesso aos principais logradouros existentes na circunvizinhança, sobretudo por meio do Eixo Monumental, assim denominado o eixo de sentido Leste-Oeste, que estabelecia uma ligação entre os bairros de Engenho do Meio (Leste) e Várzea (Oeste). Como Moreira, Cunha e Vieira reiteram, o plano foi

...estruturado por meio de três grandes eixos, dois deles menores partindo em diagonal em relação ao eixo principal para as direções norte e sul, como um tridente, mas de forma assimétrica. Os edifícios estão estruturados ao longo destes eixos dispondo de muitas áreas livres e verdes em seu entorno. No encontro dos eixos menores com o eixo principal foi lançada uma praça cívica, que seria o lugar de encontro de toda a comunidade e onde a reitoria estaria localizada. O projeto dos edifícios considerou aspectos funcionais e climáticos, sendo locados sem uma relação direta com as vias, criando grandes áreas verdes. (MOREIRA; CUNHA; VIEIRA, 2019, p.04)

A partir desse plano, sucessivas revisões (1951, 1955 e 1957) foram sendo desenvolvidas, evidenciando o acréscimo das demandas espaciais e as diferentes formas e localidades das unidades universitárias. No entanto, os ajustes não expressaram

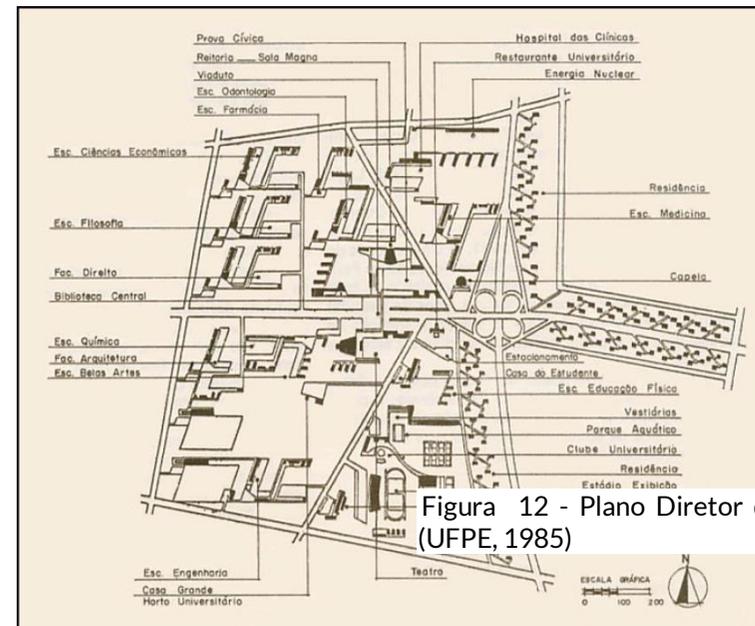


Figura 12 - Plano Diretor da UFPE, 1949 (UFPE, 1985)

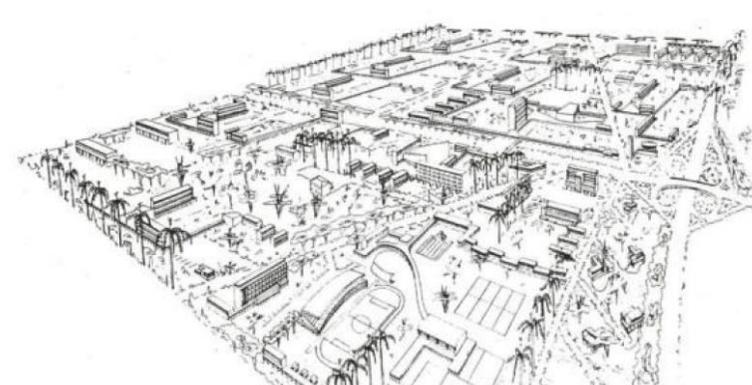


Figura 13 - Perspectiva do Campus Universitário Joaquim Amazonas, 1949 (Cabral, 2006)

modificações significativas no plano original, mas levaram em conta a evolução dinâmica ao qual foi submetido durante o processo de construção.

O plano de 1951, apesar de sofrer pequenas alterações, traz adequações necessárias para a construção do conjunto universitário. Amorim e Nascimento (2015), analisam que dentre as mudanças mais significativas estão uma rotatória redutora de velocidade no acesso ao bairro da Várzea, a duplicação do Eixo

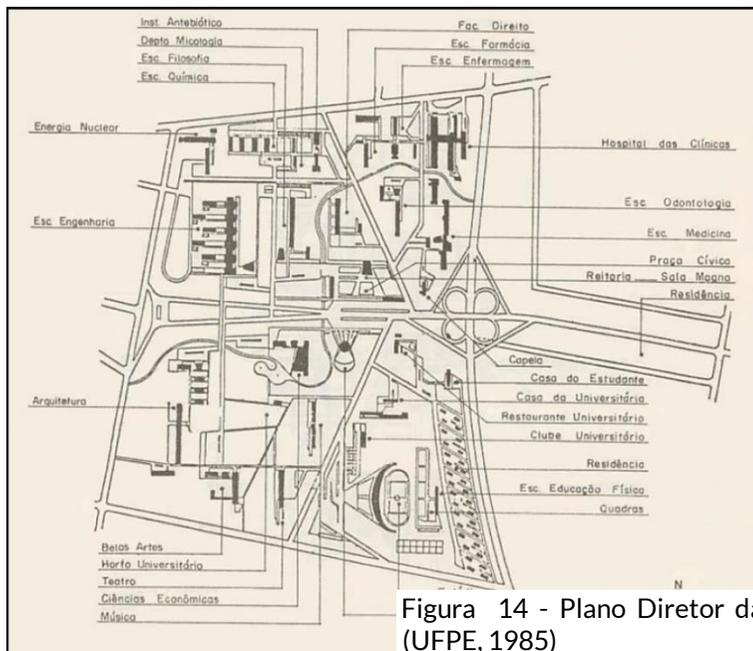


Figura 14 - Plano Diretor da UFPE 1951 (UFPE, 1985)

Monumental, agora chamado, Praça Cívica, que traz uma evidência a sua centralidade através desse novo arranjo espacial e a inclusão de um anel viário interno, com os sistemas de acesso às unidades de ensino, que na revisão subsequente será desenvolvido, alterando a configuração urbana do campus e progredindo para o seu enclausuramento. (Figura 14)

Em sua segunda revisão, em 1955 (Figura 15), ainda sob o comando de Mario Russo, o plano permanece com o anel viário perimetral e as alças da BR-101. Entretanto, uma das maiores modificações em relação ao projeto inicial é o Eixo Monumental, que deixou de entrecortar o campus de uma extremidade a outra, sendo interrompido por uma via paralela à perimetral norte-sul, no extremo oeste do campus. Essa interrupção do eixo principal trouxe como consequência o isolamento do Campus em relação ao bairro da Várzea, como constatam Amorim e Nascimento (2015).

Estas modificações geram consequências significativas no sistemas de acessibilidade: a) a obstrução do fluxo de veículos para oeste, promovendo o isolamento do Campus do histórico

bairro da Várzea, aumentando, portanto, a profundidade do conjunto; b) o conjunto Eixo Monumental – Praça Magna tem sua centralidade mantida, principalmente quanto ao conjunto universitário, mas torna-se mais profundo com relação ao exterior. (AMORIM; NASCIMENTO, 2015, p.8)

Segundo Amorim e Nascimento (2015), a revisão do Plano Urbanístico de 1957 (Figura 16) trouxe consigo boa parte da configuração atual do campus. Embora Russo tenha se afastado da coordenação dos trabalhos, houve uma reestruturação da equipe e das estratégias do plano urbanístico, o que levou a algumas mudanças como a verticalização das edificações, como a Faculdade de Filosofia, com a intenção de resguardar o máximo de área verde. No entanto, a mudança mais característica observada, foi a consolidação do anel viário interno, que juntamente com o eixo leste-oeste passaram a articular o acesso às edificações do campus e a redução das conexões viárias entre seu interior e as vias circunvizinhas, por meio da interrupção das secantes.

Após uma série de propostas e revisões, entre 1949 e 1957, o Campus Universitário do Recife se consolida, segundo Moreira (2019), com os empenhos do reitor Joaquim Amazonas

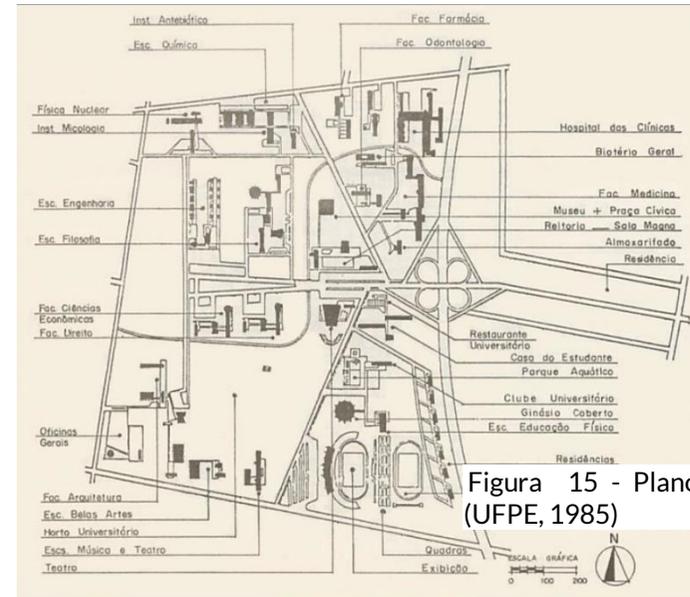


Figura 15 - Plano Diretor da UFPE 1955 (UFPE, 1985)

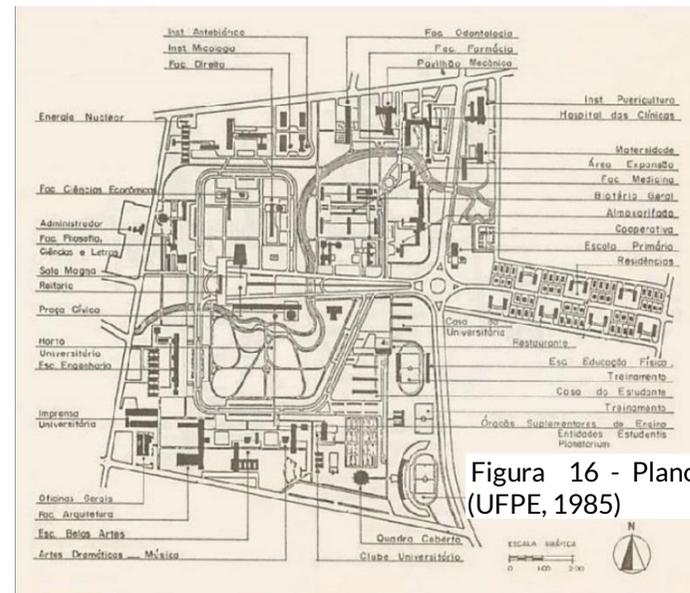


Figura 16 - Plano Diretor da UFPE 1957 (UFPE, 1985)

frente ao governo federal, apesar do tamanho da missão e da falta de recursos que teve como consequência a não construção de diversos edifícios propostos inicialmente. Dessa forma, embora a implantação tenha iniciado em 1949 sob a tutela de Russo e seus colaboradores, muitos desses projetos só foram construídos anos após a partida do arquiteto italiano da cidade, dentre eles os dois únicos projetos assinados por ele, a Faculdade de Medicina (1949-1958) e o Instituto de Antibióticos (1952-1956).

Aos poucos os edifícios foram sendo erguidos e o campus tomando forma. No entanto, durante esse processo, é possível perceber algumas mudanças em relação ao último plano urbanístico proposto. A Reitoria, projeto de Filippo Mellia, foi transferida da área central para a outra margem da BR-101, ficando isolada dos centros de ensino e da Praça Cívica, um dos pilares do projeto que não foi implementado.

O Plano Diretor de 1985 (Figura 17), segundo Moreira (2019), realizado pelo comitê técnico da própria universidade, estabeleceu a consolidação dos setores divididos em grandes conjuntos por afinidade de usos, em sua maioria coincidindo com

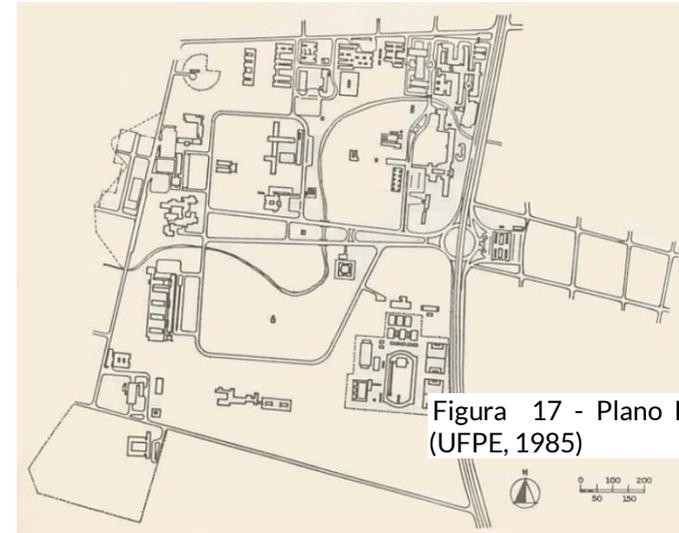


Figura 17 - Plano Diretor da UFPE 1985 (UFPE, 1985)

a divisão dos centros e previstas novas áreas para os setores administrativos e de serviços, assim como um estudo criterioso sobre os dimensionamentos de novas edificações evitando uma ocupação desenfreada.

Essas preocupações se sucederam nos planos diretores subsequentes, o de 2005, 2015 e 2020, que tinham como ideia principal a preservação dos elementos que constituem e são marcantes no campus: o eixo monumental, apesar de não ter sido implementado em sua totalidade, sua estrutura viária, o paisagismo e a valorização das edificações que são ligadas à origem do campus. Assim como, define diretrizes acerca da

implantação de novas edificações com seus devidos afastamentos em relação ao sistema viário e entre si, expansão da área esportiva, manutenção das calçadas e implantação de ciclovias.

## 3.2 Território Urbano

A Universidade Federal de Pernambuco, apesar de ter seu próprio plano diretor, se insere dentro da Zona de Desenvolvimento Sustentável Capibaribe (ZDS Capibaribe), segundo a legislação do Plano Diretor da Cidade do Recife. O plano prevê a potencialização da relação entre o sítio natural e os valores materiais e imateriais, uma vez que seu perímetro está próximo ao Rio Capibaribe, estimulando implantação de corredores ecológicos e arborização no sistema viário, revitalização dos corpos hídricos e padrões de ocupação compatíveis com o patrimônio cultural, como uso misto e fachada ativa. (Recife, 2020)

Estando em harmonia com o Plano Diretor da Cidade do Recife, estudos realizados pela própria UFPE, nos planos de 2015 e 2020, estabelecem uma série de estratégias urbanas e de expansão, para transformação do campus em um Parque do Conhecimento, buscando agregar e potencializar as qualidades urbanísticas e paisagísticas, integrando o campus com as áreas vizinhas e com a cidade. Dentre as estratégias, a recuperação do



Figura 18 - Zoneamento Plano Diretor 2020. (Recife, 2020)

Eixo Cívico, como uma centralidade urbana, é uma das diretrizes com a motivação de fortalecer sua função agregadora das atividades do campus, já que o eixo perdeu sua força após a construção da BR-101, se tornando uma barreira entre a reitoria e o campus. Assim como, estabelecer a conexão do entorno imediato do campus com a cidade e com o Rio Capibaribe, através das massas verdes presentes ao redor do campus, e de elementos que possam intensificar essas conexões, através de ruas-parques, parques lineares, entre outros.

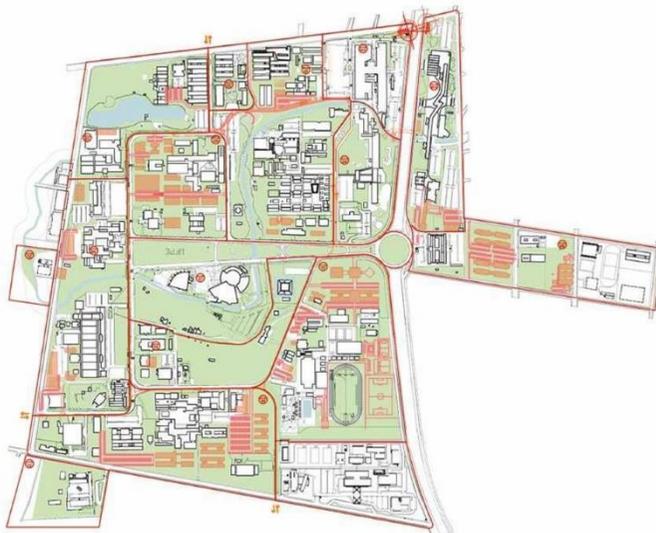


Figura 19 - Ampliação do Uso do Solo - Plano Diretor da UFPE 2020 (UFPE, 2020)

Apesar do Plano Diretor apresentar análises e estratégias, buscou-se apreender e sintetizar mais informações sobre o campus, o entorno e suas relações, utilizando-se a metodologia de Christine Mahler (2015) em sua tese “Territórios Universitários: tempo, espaços, forma.” que traça análises na polaridade campus versus cidade, na tentativa de compreender as transformações que conformam essa relação.

Mahler (2015), em sua tese, define quatro categorias de análise sobre campus, que foram sendo delineadas a partir de pontos de inflexão observados nas transformações de diferentes projetos universitários. Dentre as categorias, a de Território Urbano, que podemos definir como sendo a que a UFPE se encaixa, se estabelece como um microcosmo da cidade, partilhando de sua inserção urbana, ao mesmo tempo, que tem uma delimitação territorial, onde desenvolve suas atividades intramuros, reivindicando seu território privativo, ao passo que busca permeabilidades com seu entorno. A análise do campus e sua relação com o entorno se dará através dos mapas de temporalidades, escala cívica/simbólica, mapa de usos e fluxos

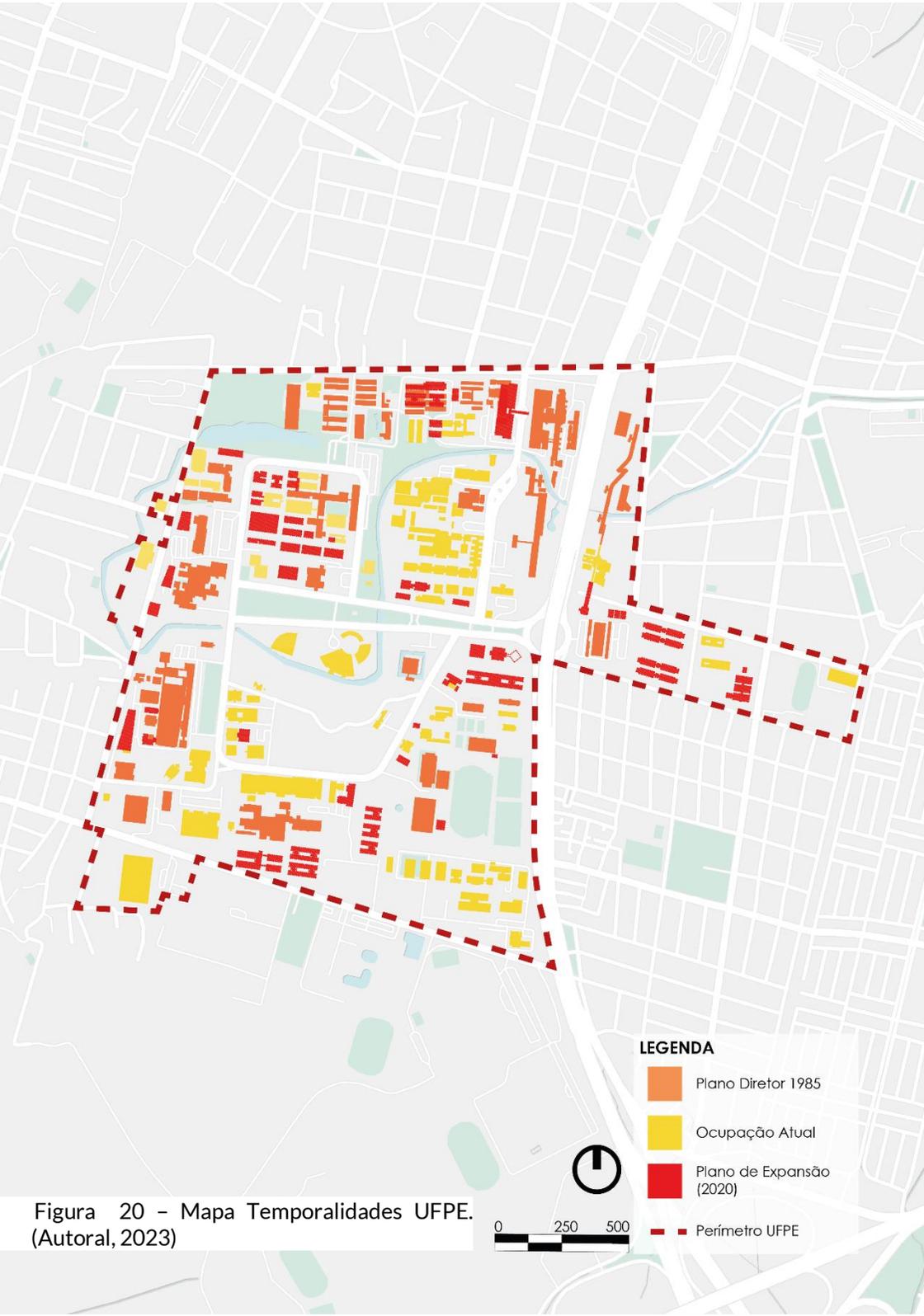


Figura 20 - Mapa Temporalidades UFPE. (Autorial, 2023)

do entorno, que trouxeram algumas percepções sobre a expansão e consolidação nos últimos anos.

O mapa de temporalidades (Figura 20) apresenta um contraponto entre a ocupação inicial e seus sucessivos planos de expansão, demonstrando que, apesar do desenvolvimento e revisões de vários planos diretores, houve acréscimos que foram feitos sem um planejamento de implantação, principalmente entre os anos de 1959 até 1985, ano em que foi definido um dimensionamento dos espaços para não haver ocupação desenfreada, como já abordado no tópico acima. Assim como é possível perceber, o plano de expansão, presente no Plano Diretor de 2020, busca uma continuidade das qualidades espaciais, assegurando a permeabilidade física e visual, com a definição de diretrizes para a implantação de novas edificações, com afastamento mínimo de 20 metros em relação ao sistema viário, e de 10 metros entre edificações.

O mapa de Escala Cívica/Simbólica (Figura 21) traz um paralelo entre categorias de edifícios - reitoria, bibliotecas, obras de arte, espaços cívicos, versus os edifícios instrumentais, buscando ter uma interpretação no modelo de distribuição delas no espaço e suas relações. Dessa forma, pode-se perceber que o Eixo Monumental agrega grande parte dessas edificações de caráter mais cívico e condensador, como a Reitoria, a Biblioteca Central e o Complexo de Convenções. Mas além do Eixo Monumental, podemos estabelecer a área que contempla o Laguinho como sendo um local que agrega a comunidade acadêmica, se consolidando como um espaço de convivência, com mais força que o próprio eixo central, uma vez que esse não se consolidou como Eixo Cívico proposto no primeiro Plano Diretor e suas revisões, como mencionado no tópico 3.1, se tornando, muitas vezes, apenas um trecho de passagem.

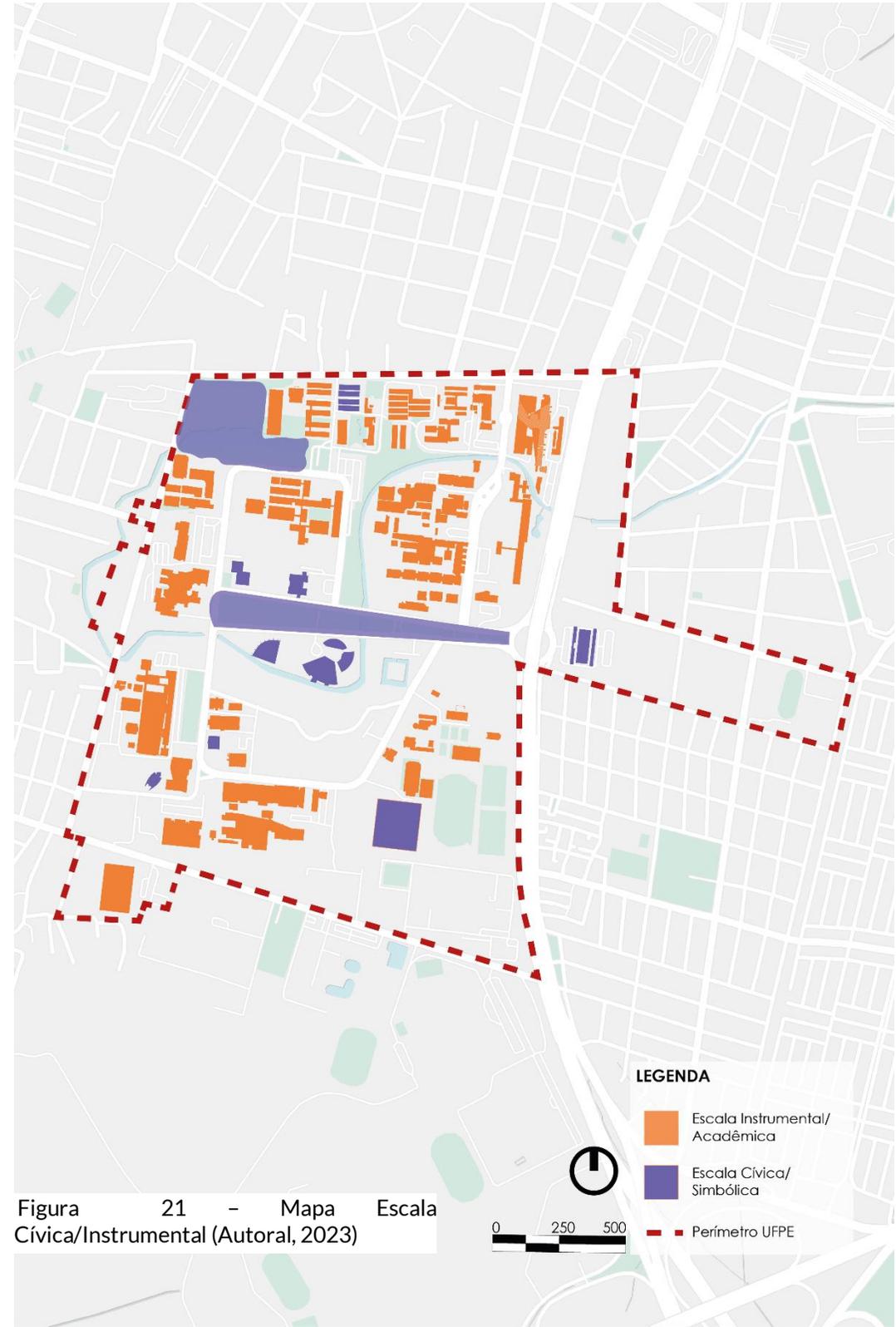




Figura 22 - Mapa de Usos (Autorial, 2023)

Para o mapa de usos (Figura 22), buscou-se analisar não somente o campus, mas também a circunvizinhança, com o objetivo de poder estabelecer diretrizes, que auxiliem em uma proposta urbana que conforme as necessidades de seu entorno. É perceptível, portanto, que internamente ao campus, a maior parte de suas edificações são pertencentes ao uso educacional, em contraponto ao lado externo do campus, onde predomina o uso habitacional. Uma questão importante a ser observada é o fato de que os serviços à comunidade prestados pela universidade, em sua grande maioria, estão localizados na periferia do campus, como é o caso dos serviços de saúde oferecidos, ou do lado externo do perímetro da universidade, criando uma relação com a circunvizinhança, tendo sido uma das motivações para escolha do terreno do projeto, que será abordada mais adiante.

Como principais fluxos do entorno (Figura 23), é possível apontar a Av. Prof. Moraes Rego, via arterial local, paralela à BR-101, conectando a dois importantes eixos da cidade, as Av. Caxangá e Av. Abdias de Carvalho, como o ponto de conexão com a malha urbana da cidade, uma vez que o acesso principal ao campus se dá por ela; e as vias coletoras, Av. Prof. Artur de Sá, R. Acdo. Hélio Ramos e Av. Prof. Luís Freire, sendo essa última, a única que não possui nenhuma ligação viária com o campus. As demais vias locais, estabelecem algumas ligações diretas com a ala leste do campus, onde está localizada a Reitoria e a Casa Estudantil Feminina, e o bairro de Engenho do Meio, usadas no geral por moradores do bairro. E o fluxo interno, se dá através do anel viário interno e o eixo monumental, que conecta todos os centros, e conta com duas saídas laterais para o bairro da Várzea através das Av. dos Economistas e Av. da Arquitetura.

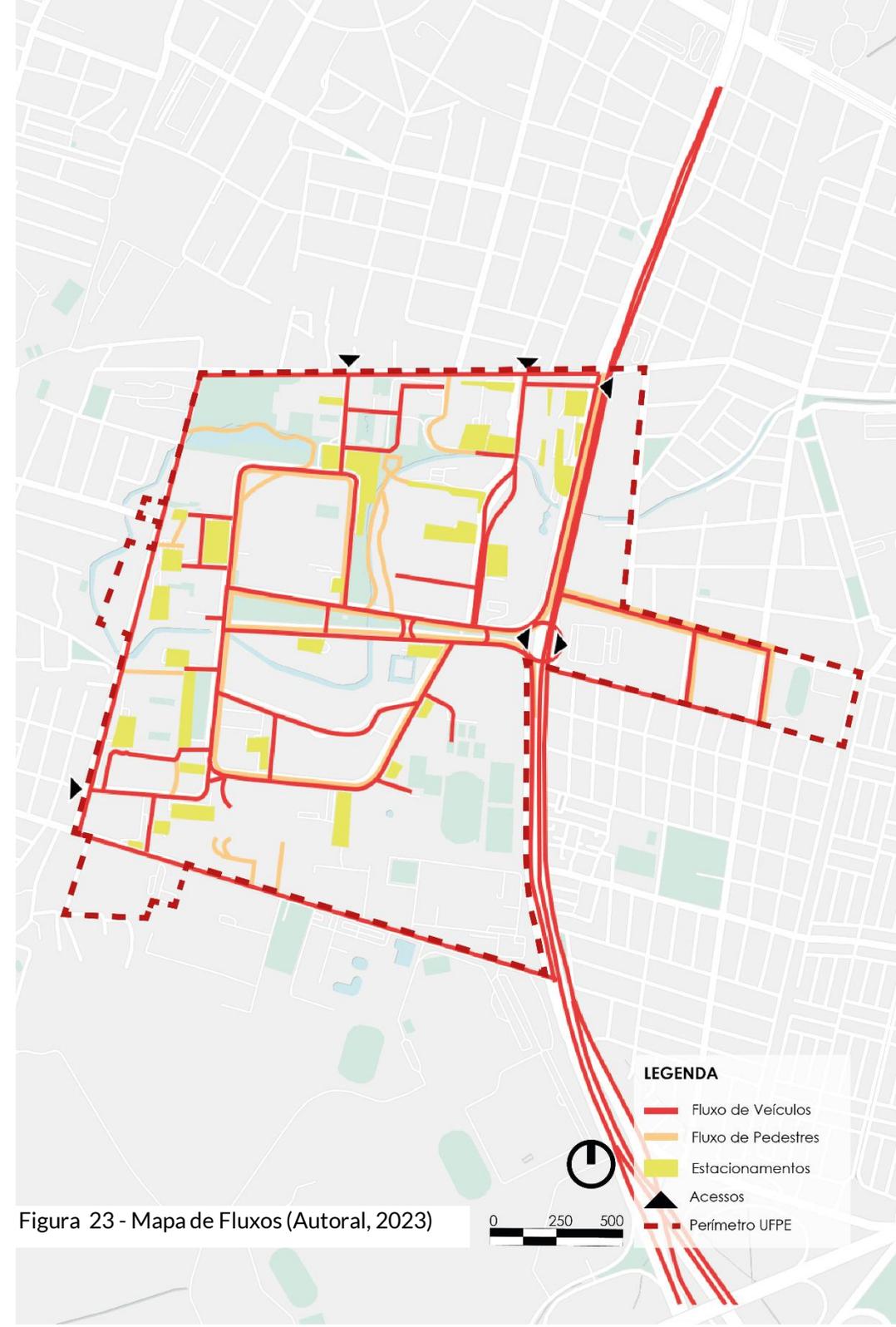


Figura 23 - Mapa de Fluxos (Autorial, 2023)



Figura 24 - Mapa de Cheios e Vazios (Autorial, 2023)

No mapa de Cheios e Vazios (Figura 24), buscou-se compreender a relação de ocupação e áreas livres no campus, onde é possível perceber uma maior distância entre as edificações no setor mais a oeste e sul e mais adensado no setor nordeste do campus, onde está localizado o Centro de Ciências da Saúde. A partir dessa análise, tendo um mapeamento das áreas ociosas, foi possível definir o terreno que vai abrigar o Centro da Diversidade. A escolha se deu principalmente pela proximidade com a Reitoria, uma vez que os núcleos estão ligados ao gabinete do reitor. Mas além do fato de que, como visto anteriormente, alguns edifícios dos serviços à comunidade estão localizados do lado externo do campus, logo, a preferência por um terreno atrás da reitoria permite uma conexão com o bairro do Engenho do Meio, proporcionando uma integração urbana entre a universidade e cidade, a ser desenvolvida no capítulo 4.

A partir dessa análise e escolha do sítio que vai abrigar o projeto, foi pertinente a compreensão dos pontos de forças e fraquezas da área e seu entorno, observados na figura 25, na intenção de sanar as barreiras e explorar as potencialidades no desenvolvimento no projeto.



Figura 25 - Forças e Fraquezas da área (Autorial, 2023)

No estudo das forças e fraquezas (Figura 25), pode-se destacar as dinâmicas urbanas e sociais existentes no local como grandes oportunidades, já que a presença da reitoria e dos bancos, localizados nas suas mediações, trazem um grande fluxo de pessoas e veículos no trecho da Rua Lindolfo Color e Gen. Vargas. É possível perceber, portanto, que em virtude da oferta de serviços bancários, as ruas caracterizam-se pela presença de usos comerciais formais e informais, serviços locais, como bares, restaurantes, hostel, etc.

A localização do terreno, também pode ser considerada uma força, uma vez que está localizado próximo a BR-101 e com fácil ligação com os principais eixos urbanos da cidade, as Av. Caxangá e Abdias de Carvalho. Além da área apresentar uma grande oferta do sistema de transporte público com paradas próximas e possibilidade de linhas de ônibus para diversos outros bairros da cidade. Pode-se destacar, ainda, a presença da massa vegetal no perímetro da quadra e da reitoria, podendo ser explorada como potencialidade na criação de espaços de convivência, e conexão entre a universidade e o entorno imediato.



Figura 26 - Área de Projeto - Vazio Urbano. (Autorial, 2023)

A grande fraqueza da área atualmente reside no vazio urbano que o terreno representa (Figura 26). Embora o isolamento se dê através de uma pequena mureta e cerca aramada, garantindo uma permeabilidade visual parcial, pode-se dizer que a área se caracteriza por ser uma grande barreira entre as ruas ao redor, além de não ofertar segurança para os transeuntes que passam pelo seu perímetro, já tendo sido

relatado diversas ocorrências em sua mediação. Assim, consegue-se perceber que, embora o terreno escolhido seja na ala leste do campus, as razões para a construção próximo ao terreno da reitoria se dá diante das diversas estratégias urbanas possíveis na conexão entre universidade e cidade que podem ser estabelecidas.

Como pontos de interesse, temos as inflexões entre as Av. Prof. Moraes Rego com a R. Costa Sepúlveda (Figuras 27 e 28), que hoje apresenta condições precárias quanto à urbanização, se tornando um ambiente hostil ao pedestre, como um importante ponto de visada em relação ao conjunto a ser desenvolvido, podendo ser estabelecido como um dos pontos de entrada para o Centro da Diversidade, e ao bairro do Engenho do Meio.



Figura 27 - Trecho da R. Costa Sepúlveda: visada para área de projeto. (Autorial, 2023)



Figura 28 - Inflexão entre a Av. Prof. Moraes Rego com a R. Costa Sepúlveda. (Autorial, 2023)

Assim como a inflexão entre as Ruas Lindolfo Color e Gen. Vargas (Figuras 29 e 30) que já apresenta atividades bancárias e comerciais informais consolidadas, sendo um grande potencial para a expansão e formalização dessas atividades comerciais, transferindo para as edificações a serem desenvolvidas no capítulo 4.



Figura 29 - Trecho da rua Lindolfo Color: atividade bancária e comércio informal. (Autorial, 2023)



Figura 30 - Trecho da rua Lindolfo Color: passeio arborizado. (Autorial, 2023)

## 3.3 Percepções

Em síntese, apesar de a universidade ter elaborado diversas estratégias em relação a sua expansão, o que se compreende, a partir das análises dos mapas e planos diretores, é que o campus ainda se estrutura a partir de um urbanismo de preceitos modernos, com extensos espaços livres gerados pela implantação de seus edifícios, resultando em uma área com baixa densidade construtiva e pouco integrada aos bairros vizinhos. Dessa forma, se utilizando dos níveis de estratégias estabelecidas no Plano Diretor de 2020 (UFPE, 2020), para a transformação do campus em um Parque do Conhecimento, serão feitas algumas análises e contrapontos a fim de estabelecer um diálogo respeitoso entre o existente e as novas proposições urbano-arquitetônicas.

No que diz respeito à relação entre a universidade e o Recife, é necessário que se compreenda a dimensão e importância que o campus tem para a cidade. As extensas áreas livres, a massa vegetal e o riacho do Cavouco, fazem com que o campus seja uma das principais áreas verdes existentes na

cidade, se justificando a estratégia de consolidar o espaço universitário como um parque. Dessa forma, uma otimização das conexões existentes no campus com os principais eixos viários, facilitaria a aproximação entre diferentes equipamentos na cidade, de modo a prover maior número de usuários, reduzindo as áreas de estacionamento internas.

Em relação ao campus e seu entorno imediato, é necessária uma maior integração da universidade com seus bairros vizinhos. Embora tenha sido construída para funcionar de forma autônoma com poucas relações extramuros, a universidade perdeu o contato com seu entorno imediato, criando em seu perímetro um ambiente inseguro e com calçadas bastante degradadas. Diante disso, a construção de edificações lindeiras a universidade, como edifícios passagens e de uso misto, que permitissem criar fachadas ativas em pontos estratégicos, repensando os muros existentes, proporciona vitalidade e integração espacial entre o campus e seu entorno

No que diz respeito ao espaço interno ao campus, as diretrizes estabelecidas no Plano Diretor 2020 da universidade, acerca da locação das novas edificações, sugerem que sejam respeitados recuos em relação às principais vias e entre edificações. Entretanto, esses afastamentos retiram não só a possibilidade de um maior adensamento do campus, como também acabam deixando de lado diretrizes do urbanismo contemporâneo que prezam por uma cidade mais diversa. Logo, a confecção de estratégias que possibilitem um maior adensamento do campus, viabiliza a construção e aberturas de edificações mais próximas umas às outras, assim como próximas aos passeios. Reiterando, assim, os preceitos da arquitetura e do urbanismo contemporâneos, podendo romper com o fato do campus se estabelecer apenas como um local de ensino em sua atividade intramuros, possibilitando a implantação de diferentes usos, como mais residências estudantis, espaços de escritório e sedes de empresas que dessem suporte à universidade e a cidade, melhorando seu tecido urbano com as áreas vizinhas.

Cabe ressaltar que, apesar do campus se isolar fisicamente, há vida dentro dele, tanto por parte da comunidade

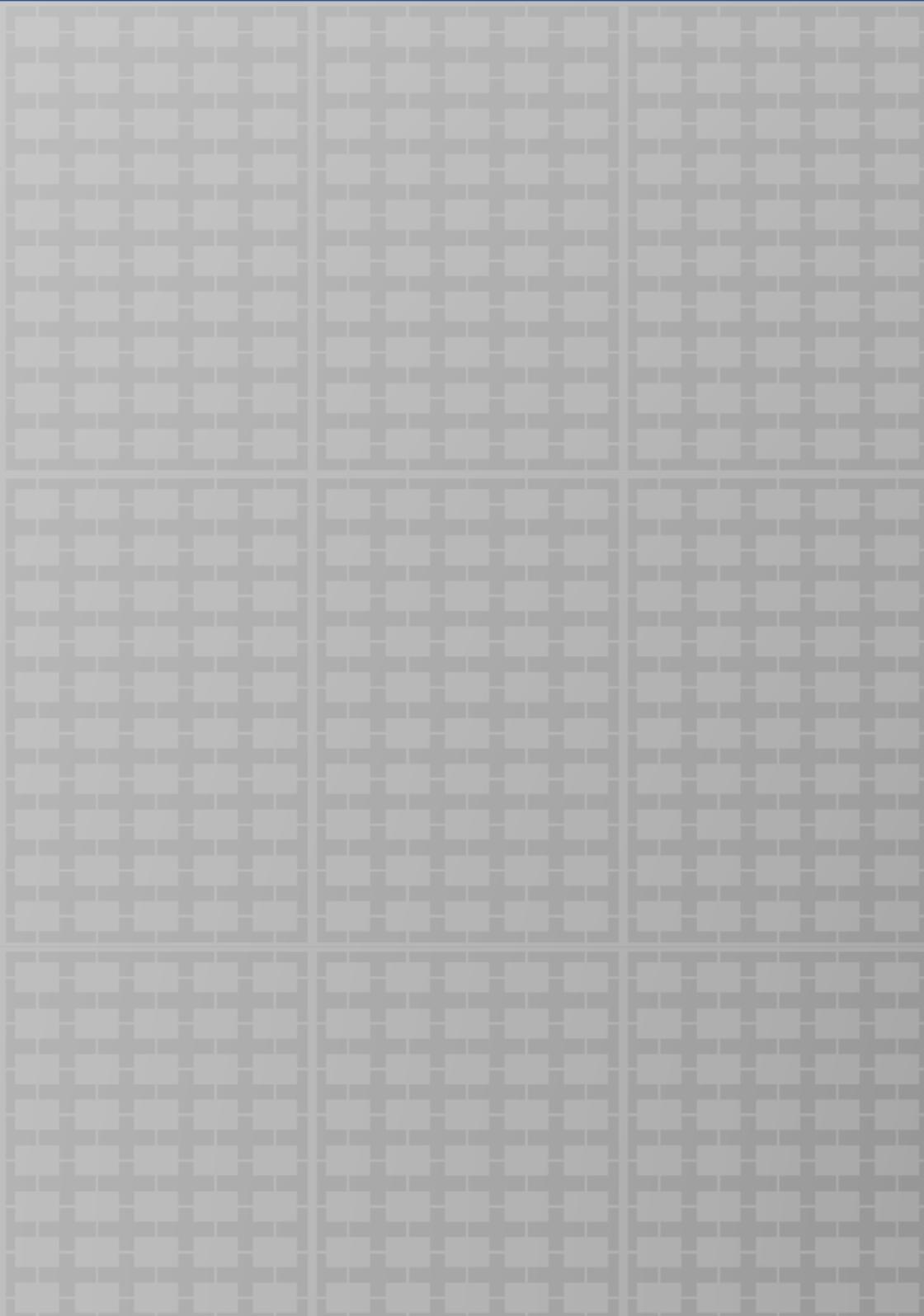
acadêmica, quanto da vizinhança, que o utiliza para as atividades-fim (ensino, pesquisa e extensão) e também para atividades-meio (lazer, esportes, etc.), mas que diante do potencial que a área apresenta essa vitalidade poderia ser bem mais explorada.



Figura 31 - Primeira edição do evento Curta a UFPE. (UFPE, 2023)

Assim, ainda que se planeje a manutenção de determinados atributos de sua identidade moderna, é necessário que as intervenções na expansão do campus consigam dialogar

com esse conjunto edificado existente, mas também tragam valores da cidade contemporânea, uma vez que o campus está inserido dentro do tecido urbano da cidade, podendo gerar outras relações intra e extramuros, de modo a proporcionar uma melhor urbanidade tanto para o campus como para a cidade.



## 4. Da Proposta: Centro da Diversidade

## 4.1 Estudos de Referência

Os projetos pré-existentes que auxiliam o desenvolvimento da presente proposta, foram selecionados com o objetivo de entender posturas, soluções e diretrizes projetuais que pudessem dar suporte às decisões tomadas, no que diz respeito às áreas de arquitetura, urbanismo e paisagismo, espaços condensadores, diversidade de usos e integração com a cidade.

As referências tanto projetuais quanto de uso e programas, como o SESC Guarulhos, no estado de São Paulo, o LA LGBT Center, em Los Angeles e a Casa 1, em São Paulo, são referências de edifícios multifuncionais e sociais, com usos educacional, cultural e lazer, que auxiliaram a escolha da composição de usos do projeto, e que foram concebidos como espaços democráticos, que favorecem a convivência e participação social.

### **Sesc Guarulhos**

O Sesc Guarulhos, projetado por Dal Pian Arquitetos, é um edifício público com 34.200 m<sup>2</sup> que oferece uma ampla gama de atividades culturais, esportivas, educacionais, de saúde, recreação e lazer. Localizado em uma região urbana próxima ao Aeroporto Internacional de Guarulhos, o edifício foi projetado para ser um espaço democrático e convidativo, que favorece o encontro e a interação entre as pessoas, premissa do projeto a ser desenvolvido no subcapítulo 3.2.

O edifício é estruturado em torno de uma grande Praça de Convivência que integra, articula e distribui as diversas atividades do complexo. A praça é um espaço diáfano, transparente e permeável às perspectivas visuais, que expõe os acontecimentos do edifício e incorpora a paisagem circundante a seus ambientes internos.

As circulações internas são organizadas de forma simples e precisa por rampas, passarelas e corredores debruçados sobre a Praça de Convivência, expondo o movimento dos usuários pelo edifício, reforçando seu caráter extrovertido.



Figura 32 - Fachada do SESC Guarulhos. Nelson Kon / SESC-SP



Figura 33 - Praça de Convivência. Pedro Mascaro / SESC-SP

O programa do edifício é distribuído em três pavimentos. No térreo, no entorno da Praça de Convivência, há a Central de Atendimento, Salas de Exposições, Clínica Odontológica, os Ambientes de Recreação Infanto-Juvenil e o Ginásio de Esportes coberto, além de sanitários e vestiários de apoio.

No pavimento intermediário, com o foyer integrando-se ao vazio da Praça de Convivência, há o Teatro, adaptável a diferentes demandas de uso, o Complexo Aquático e as Quadras Esportivas externas. A Comedoria, com suas interfaces voltadas para a praça e para as piscinas, oferece aos usuários perspectivas visuais variadas. Nesse mesmo pavimento ainda se distribuem, a Administração, a Biblioteca, a Estação Ambiental e os espaços externos de jardim.

No último pavimento, há as Salas Multiuso, Ginástica Multifuncional e de Atividades Físicas, e corredores de acesso que percorrem os vazios dos pés-direitos duplos do Ginásio de Esportes e da Piscina Coberta. Uma varanda para atividades corporais externas, voltadas para o Centro Aquático e Esportivo

que permite o sombreamento da Comedoria do pavimento inferior e um completo Centro de Música, conclui os espaços desse dinâmico complexo de atividades.

As características relevantes observadas são a variação de usos, disposição dos espaços, permeabilidade física do térreo, estudados em planta baixa como referência para o projeto arquitetônico desenvolvido no subcapítulo 3.2, como pode ser observado nas figuras 34, 35 e 36.

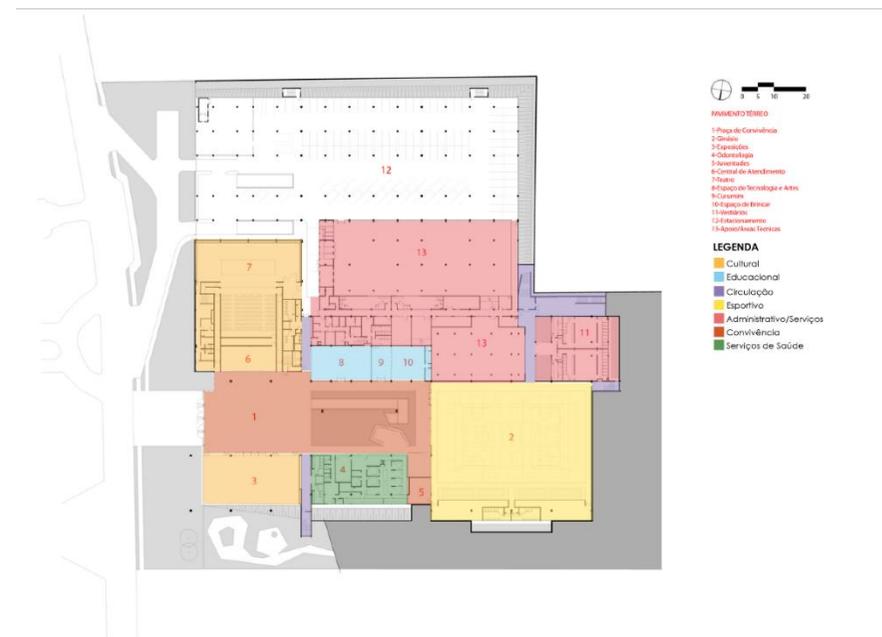


Figura 34 - Planta Baixa SESC Guarulhos - Pav. Térreo: estudo usos e zoneamento.

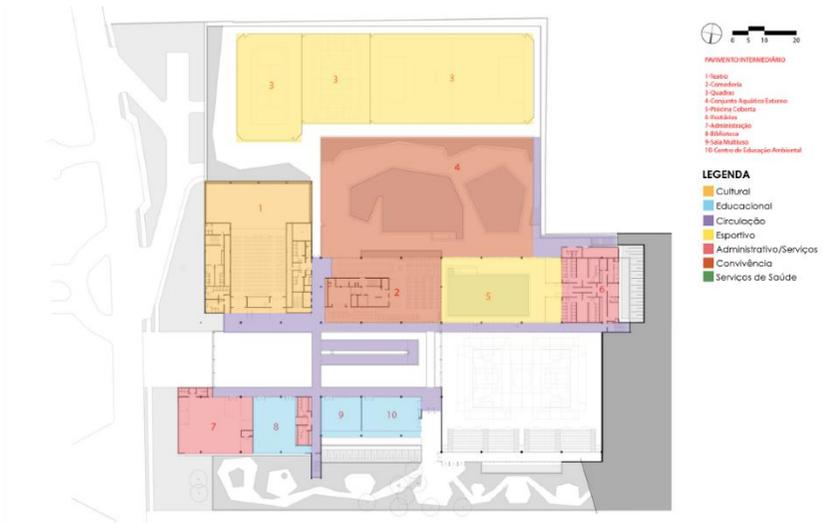


Figura 35 - Planta Baixa SESC Guarulhos – Pav. Intermediário: estudo usos e zoneamento. (Archdaily, 2019 – editado pelo autor)

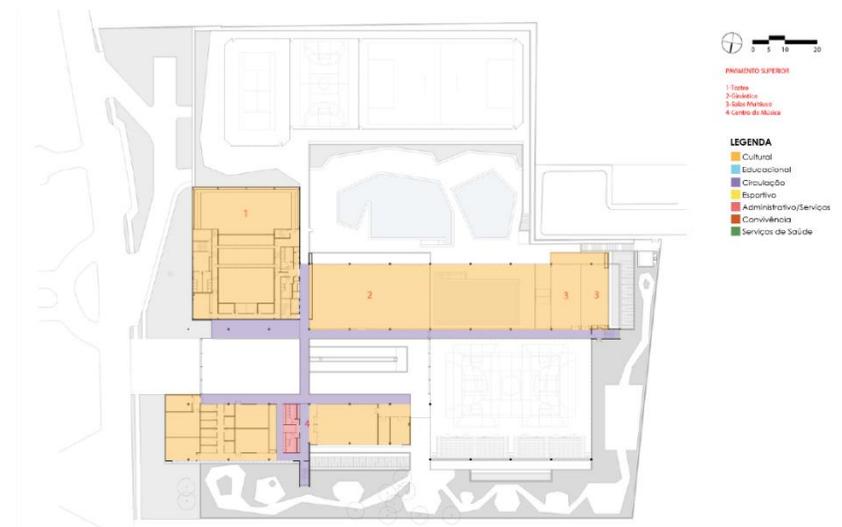


Figura 36 - Planta Baixa SESC Guarulhos – Pav. Superior: estudo usos e zoneamento. (Archdaily, 2019 – editado pelo autor)

## LA LGBT Center

O novo campus do LA LGBT center, projetado por Leong Leong + Killefer Flammang Architects, é um projeto ambicioso e inovador, que busca criar um espaço inclusivo e integrado para a comunidade LGBT e outros grupos sociais vulneráveis, em Los Angeles, nos Estados Unidos. Com uma área de mais de 17.000 m<sup>2</sup>, o campus abrange um quarteirão inteiro da cidade, e oferece uma variedade de programas e instalações, incluindo habitação a preços acessíveis para idosos e jovens adultos, espaço de varejo, um centro para jovens sem-teto, uma sede administrativa e um espaço de eventos culturais.

Uma das características mais interessantes do projeto é a sua porosidade, ou seja, a maneira como ele se integra à cidade e privilegia os pedestres. Com uma série de pátios e espaços públicos, o campus cria uma tipologia para um desenvolvimento comunitário, que unifica diversos programas sociais e residenciais em um único conjunto. Fomentando a vida em comunidade, ao mesmo tempo em que oferece acesso a serviços essenciais e programas culturais e institucionais. Além disso, o



Figura 37 - Imagem aérea do LA LGBT Center. Leong Leong, 2014.



Figura 38 - Fachada LA LGBT Center. Leong Leong, 2014

projeto busca criar um ambiente seguro e acolhedor para a comunidade LGBT e outros grupos vulneráveis, que muitas vezes enfrentam discriminação e marginalização em outros espaços públicos.

Assim, as principais posturas projetuais observadas são presença de uso misto, a integração com a cidade, através da presença de uma praça e espaços públicos permeáveis, sendo uma forma de conectar o campus com a comunidade circundante e incentivar a interação social.



Figura 39 - Planta Baixa do Térreo do LA LGBT Center. Leong Leong, 2014 (editado pelo autor)

## Casa 1

A Casa 1 é uma organização não governamental (ONG) localizada no bairro Bela Vista, região central de São Paulo, que oferece apoio e assistência para a comunidade LGBT. Além de fornecer moradia, o equipamento também tem como objetivo promover a cultura e a educação para a diversidade. Inicialmente pensada como um espaço de acolhida e um centro cultural em um sobrado, hoje, a ONG se distribui em três edificações pelo bairro – o Centro de Acolhida, a Clínica Social e o Centro Cultural –, fomentando debates e impactos na sua vizinhança e no movimento LGBT.

Hoje, o sobrado que abriga o Centro de Acolhida, tem sua setorização distribuída em seus dois pisos. No pavimento superior, a república de acolhimento, com capacidade para até 20 moradores, foi a primeira frente de atuação e ainda é um dos pilares da organização, com o objetivo de ser uma casa temporária, com um trabalho multidisciplinar para que os jovens acolhidos possam desenvolver autonomia e restabelecer suas trajetórias. Já no térreo, o equipamento cultural tem seu espaço dividido em três ambientes independentes: a Biblioteca

comunitária, a Sala de atendimento paliativo e a Sala de Convivência (que inicialmente abrigava o centro cultural). A tipologia do sobrado, com seus espaços voltados para a rua quando abertos, possibilita a apropriação da calçada frente à casa e estabelece uma relação direta com sua circunvizinhança (Figura 40)



Figura 40 - Croquis esquemáticos das áreas do sobrado. Artur Duarte e Renato Cymbalista, 2019.



Figura 41 - Fachada Centro de Acolhimento Casa 1. Casa 1, 2019.

Segundo a Casa 1, apesar da ideia de agregar a acolhida com o centro cultural, a fim de custear as despesas da residência, percebeu-se que cobrar pela programação cultural excluiria as pessoas da vizinhança, logo, decidiram que todas as atividades fossem gratuitas. No mesmo ano de sua inauguração, o centro cultural foi movido para uma nova unidade: o Galpão Casa 1, a 300 metros do sobrado, o que ampliou o diálogo com o entorno,

criando um fluxo de pessoas entre esses locais. Assim, a edificação que já abrigou um teatro, recebeu em sua fachada um recuo frontal que abriga diversas atividades e intervenções artísticas, criando uma relação com os transeuntes, tornando o território mais seguro para os moradores das imediações e para o público que frequenta a Casa (Figura 42).



Figura 42 - Croquis esquemáticos das áreas do Galpão Casa 1. Artur Duarte e Renato Cymbalista, 2019.



Figura 43 - Fachada do Galpão Casa 1. Casa 1, 2019.



Figura 44 - Evento no Galpão Casa 1. Casa 1, 2019.

Já a Clínica Social Casa 1, sediada inicialmente em um espaço no Centro Cultural, ganhou em 2019 sua sede própria, a menos de 100 m do sobrado de acolhida, contando com 10 salas de atendimento individual, com capacidade de atender cerca de 120 pacientes por mês. Dentre os serviços ofertados, pelos cerca de 60 profissionais que atendem na clínica, estão os atendimentos relacionados à saúde mental, como psicoterapia, acompanhamento nutricional, e diversas outras modalidades de terapia complementares.

Dessa forma, apesar da escala da organização ser menor em relação à edificação do presente trabalho, a Casa 1 se estabelece como um lugar de referência, tecendo estratégias na construção de identidades, espacialidades e relações entre os diferentes públicos que transitam pelo território e seu entorno, reforçando a atuação e preocupação com a acolhida, atendimento e reinserção das pessoas no contexto social.

## 4.2 Projeto

O produto final desse trabalho se divide em dois: um plano geral para a quadra escolhida, com delimitação dos espaços e usos; e um anteprojeto de arquitetura para o Centro da Diversidade, de caráter administrativo e social.

Com a intenção de apresentar estratégias que dialoguem com os anseios da universidade e do seu entorno imediato, foi necessária a delimitação do terreno, como vista no capítulo 3, a fim de estabelecer diretrizes de intervenção urbana para assim chegar na proposta do plano geral.

Em uma análise inicial da quadra de estudo, a partir do mapa de cheios e vazios e das expansões propostas pelo Plano

Diretor da UFPE 2020, é possível perceber que a área não atende ao seu potencial e nem cumpre seu papel social frente ao abandono em que hoje se encontra. Apesar de estar inserida em meio a importantes pontos de interesse como o comércio local, atividade bancária, a própria universidade e a BR-101, a quadra não permite conexão e não possui relações com o entorno. Diante disso, a partir da percepção dos elementos existentes e das articulações trazidas nos capítulos anteriores, foi possível traçar diretrizes que nortearam a implantação e delimitação dos espaços das edificações propostas.

Com a pretensão de criar uma melhor interface urbana, a proposta para o plano de quadra buscou implantar as edificações de modo a permitir a permeabilidade e conexões entre a quadra e sua circunvizinhança, resultando em áreas livres em seu perímetro, e em um vazio no interior da quadra utilizado

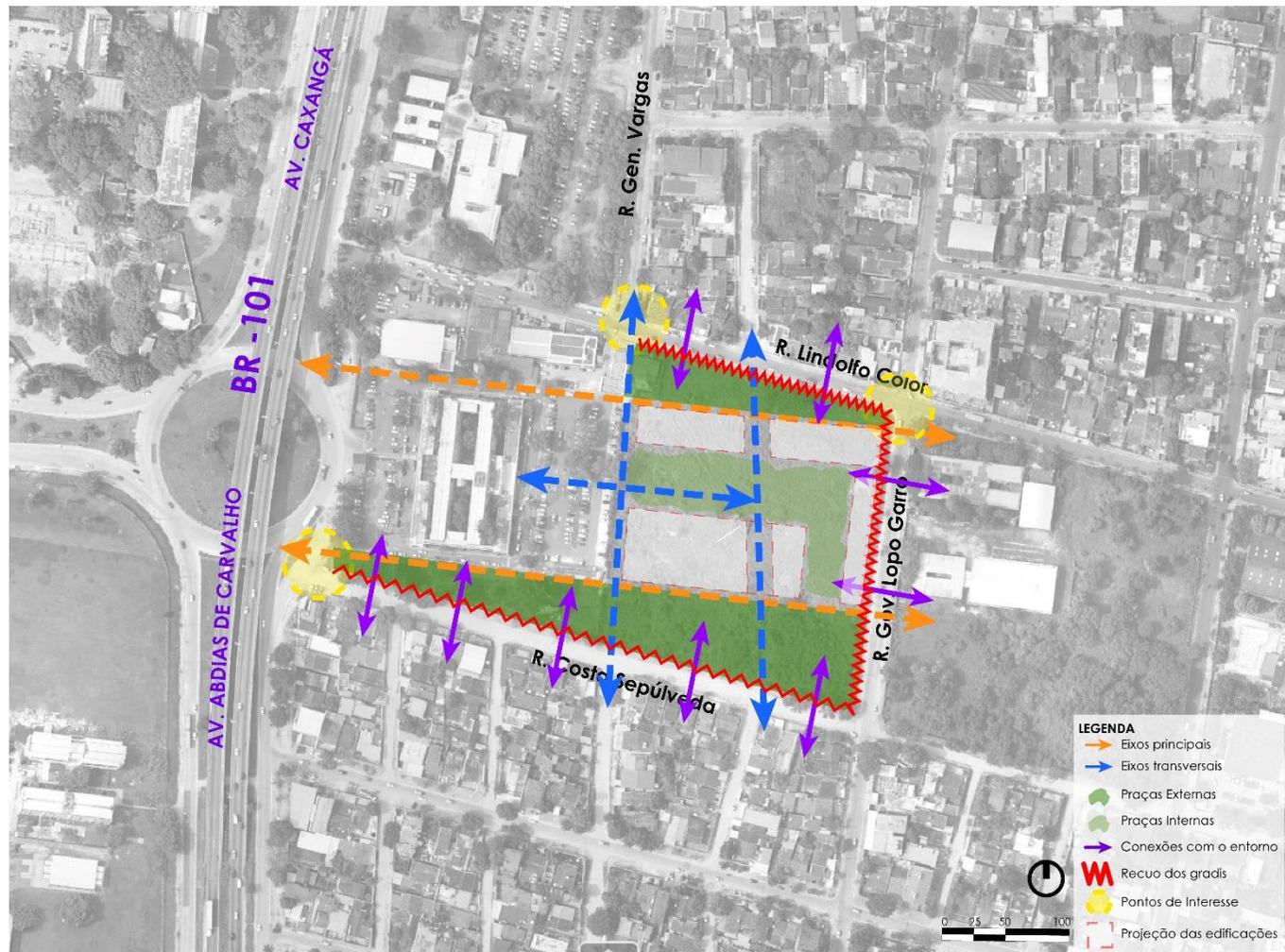


Figura 45 - Diretrizes para o plano geral da quadra. (Autorial, 2023)

como espaços de convivência entre transeuntes e moradores das habitações estudantis.

A construção da Reitoria à leste da BR-101, com sua implantação fugindo da ortogonalidade da quadra, permitiu a subdivisão da área em setores. A partir das duas linhas (em laranja) que saem das laterais da edificação foi possível criar duas áreas livres que permitem uma aproximação da universidade e seu entorno. Na área que margeia a rua Costa Sepúlveda, foi estabelecido o recuo do muro da Reitoria com o intuito de criar uma praça, com uma concentração vegetal, já existente na área, que marca a entrada principal do conjunto edificado, com espaços de lazer e estar. Já na área da rua Lindolfo Color, foi introduzido um espaço urbano, com a intenção de promover uma conexão e fortalecer o comércio local do entorno e integrar seus diferentes usos.

Com relação à rua Gov. Lopo Garro, onde estão localizadas duas edificações pertencentes à UFPE, a Casa Estudantil Feminina e o Núcleo de Apoio à Eventos, adotou-se uma postura urbana que permite uma permeabilidade com a quadra, através de seus dois eixos principais advindos da BR-

101. Assim como, o estabelecimento de edificação de uso misto, com lojas para locação de serviços e comércio no térreo, para atender às demandas da população do entorno e dos próprios moradores da habitação universitária desenvolvida nos pavimentos superiores.

Como parte da proposta para o plano geral da quadra, também foram pensadas diretrizes de fluxos, sendo os eixos que tangenciam a reitoria como percursos principais (em laranja) que fazem uma conexão com os acessos às edificações e são portas de entrada para o bairro do Engenho do Meio. E os eixos transversais (em azul), que cortam a área, como percursos secundários, que permitem uma permeabilidade e conexão entre as ruas Costa Sepúlveda e Lindolfo Color, que levam até o centro da quadra, onde fica estabelecida uma área de convivência para as edificações.

Dessa maneira, ficam estabelecidos os usos do plano geral, como é possível observar na Figura 46.

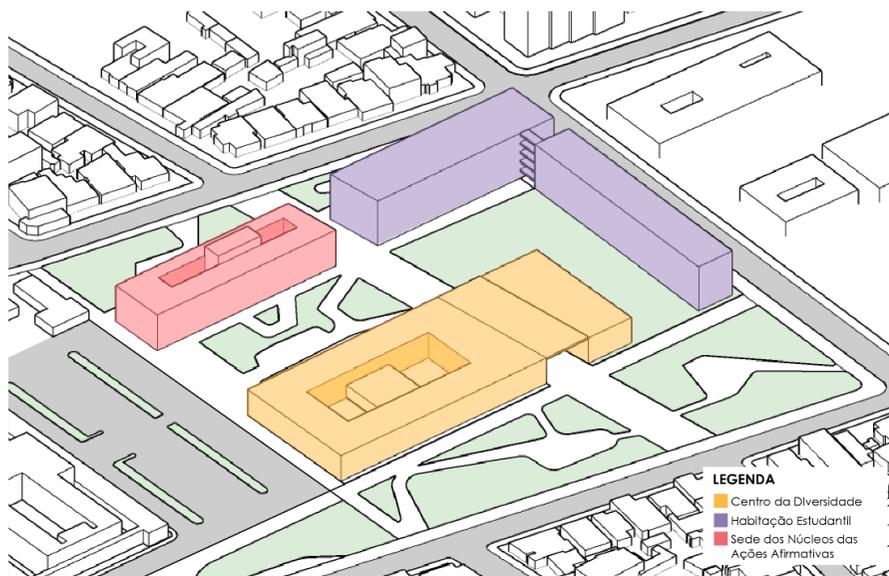


Figura 46 - Perspectiva esquemática com definição de usos para o plano geral. (Autoral, 2023)

Para o edifício de chegada a quadra (cor amarela), buscando trazer de volta o caráter cívico do Eixo Monumental estabelecido nos planos diretores de Mário Russo, como visto no capítulo 2, propõe-se o Centro da Diversidade, edificação a ser

elaborada no projeto de arquitetura, que contempla os usos de cultura, educação e saúde, com biblioteca, salas de aula, espaço para exposições, ateliês, auditórios e ambulatório, como um espaço condensador e atrativo para a comunidade acadêmica e do entorno.

Articulando os usos e conexões, o edifício na cor vermelha será um bloco de uso misto com salas para alugar e espaço coworking no térreo, como forma de fortalecer o uso comercial já presente na área em questão. Nos demais pavimentos, fica estabelecida a sede dos núcleos do Comitê de Ações Afirmativas da UFPE, uma vez que eles são ligados ao gabinete da reitoria, explorando essa proximidade física entre eles.

E os blocos na cor lilás, como forma de trazer mais vitalidade e adensamento para a quadra, foi proposta uma nova edificação para habitação universitária, com dois blocos de uso misto, conectados, podendo abrigar tanto estudantes de graduação quanto ofertados para discentes da pós-graduação e professores visitantes.

Assim, no plano geral (Figura 47) ,é possível observar a setorização elaborada para a área, a concentração das habitações no setor mais a leste da quadra, onde já estão localizadas outras edificações de mesmo caratér, e atividades culturais, acadêmicas e comerciais próximas a Reitoria e instituições bancárias. Os percursos principais são marcados por passeios arborizados, e com pisos que direcionam o transeunte para as edificações; enquanto os percursos secundários estabelecem conexões que facilitam o cruzamento da quadra, ligando as ruas de seu perímetro ao centro do projeto.



Figura 47 - Plano Geral para a quadra



Figura 48 - Rua Costa Sepúlveda, acesso ao Centro da Diversidade. (Autorial, 2023)

A rua Costa Sepúlveda, que abriga a entrada principal para o Centro da Diversidade, estabelece conexões da quadra e seu entorno, integrando-se ao projeto através de um desenho urbano, que permitiu a criação de uma praça defronte ao conjunto edificado, que contempla espaços de lazer e de convivência para a população, aproximando a relação da universidade e cidade.



Figura 49 - Rua Lindolfo Color, acesso ao edifício dos Núcleos. (Autorial, 2023)

Uma vez que a rua Lindolfo Color já apresenta atividades comerciais consolidadas, a escolha de edificações que abrigassem o uso misto foi preterida, com o uso do térreo voltado principalmente para lojas e salas comerciais, a fim de manter a característica já vista em seu entorno, com a possibilidade de atividades noturnas em alguns espaços, trazendo mais vitalidade para a rua. Assim como, a criação de espaços públicos de permanência, servindo de estímulo para as

relações entre o público residente no bairro e os frequentadores das atividades comerciais da área.

A habitação estudantil, que ficará como diretriz projetual, se integra ao projeto ocupando toda uma face da quadra, criando um diálogo com usos e edificações já existentes em seu entorno. O térreo é composto de espaços coletivos, tanto para habitação estudantil quanto para a população do bairro, e a habitação se desenvolve em altura nos pavimentos superiores, com dois blocos interligados, com modulações que permitem a divisão de seu espaço em unidades de diferentes tipologias, com quartos individuais e coletivos.

A partir do plano geral, optou-se por seguir o desenvolvimento do edifício do Centro da Diversidade e das sedes dos Núcleos do Comitê de Ações Afirmativas da UFPE, a ser elaborado como proposta de anteprojeto, por ser um espaço que pode integrar a universidade, cidade e a população, sendo capaz de ser um local onde o respeito e a equidade social sejam assegurados, e que consiga agregar diferentes corpos sociais, desenvolvendo sentimentos de pertença, participação e interação social.

Dessa forma, a partir da escolha da edificação a ser desenvolvida e partindo das análises das diferentes referências projetuais, tanto estéticas quanto de usos, foi possível elaborar o programa de necessidades e diretrizes para a edificação.

O programa elaborado para o Centro da Diversidade e Núcleos, teve como base os programas do SESC Guarulhos, LA LGBT Center e Casa1, esses dois últimos voltados principalmente para a população LGBTQIA+ mas com a possibilidade de se estender às outras populações assistidas pelo centro proposto. Como também, extraídos da Portaria Normativa nº 40/2020, que estabelece a estrutura e atividades desempenhadas por cada núcleo, no âmbito acadêmico e social.

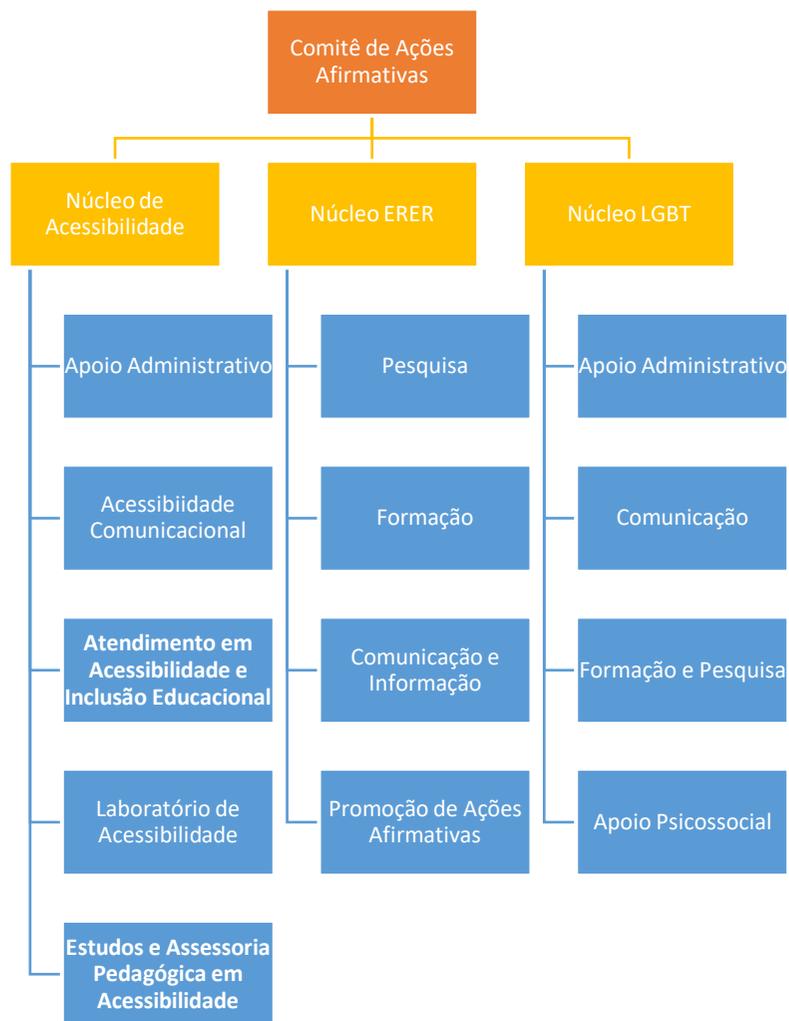


Figura 50 - Organograma do Comitê de Ações Afirmativas (UFPE, 2023)

Dessa forma, foram observadas algumas áreas de atuação em comum, são elas:

- Serviços sociais e de saúde – atendimentos médicos, núcleos de transgêneros, serviços legais, saúde mental;
- Serviços de cultura – áreas expositivas, áreas de apresentações culturais, salas de oficinas;
- Serviços de educação – espaços de aprendizagem, biblioteca, espaços para integração digital e laboratórios;
- Serviços institucionais – coordenação, assessoria, apoio técnico-administrativo.

Assim, nas plantas baixa do térreo e do primeiro pavimento do Centro da Diversidade e da Sede dos Núcleos é possível observar a setorização e ligações entre as partes do projeto. Também é possível analisar essas plantas no APÊNDICE B e C.

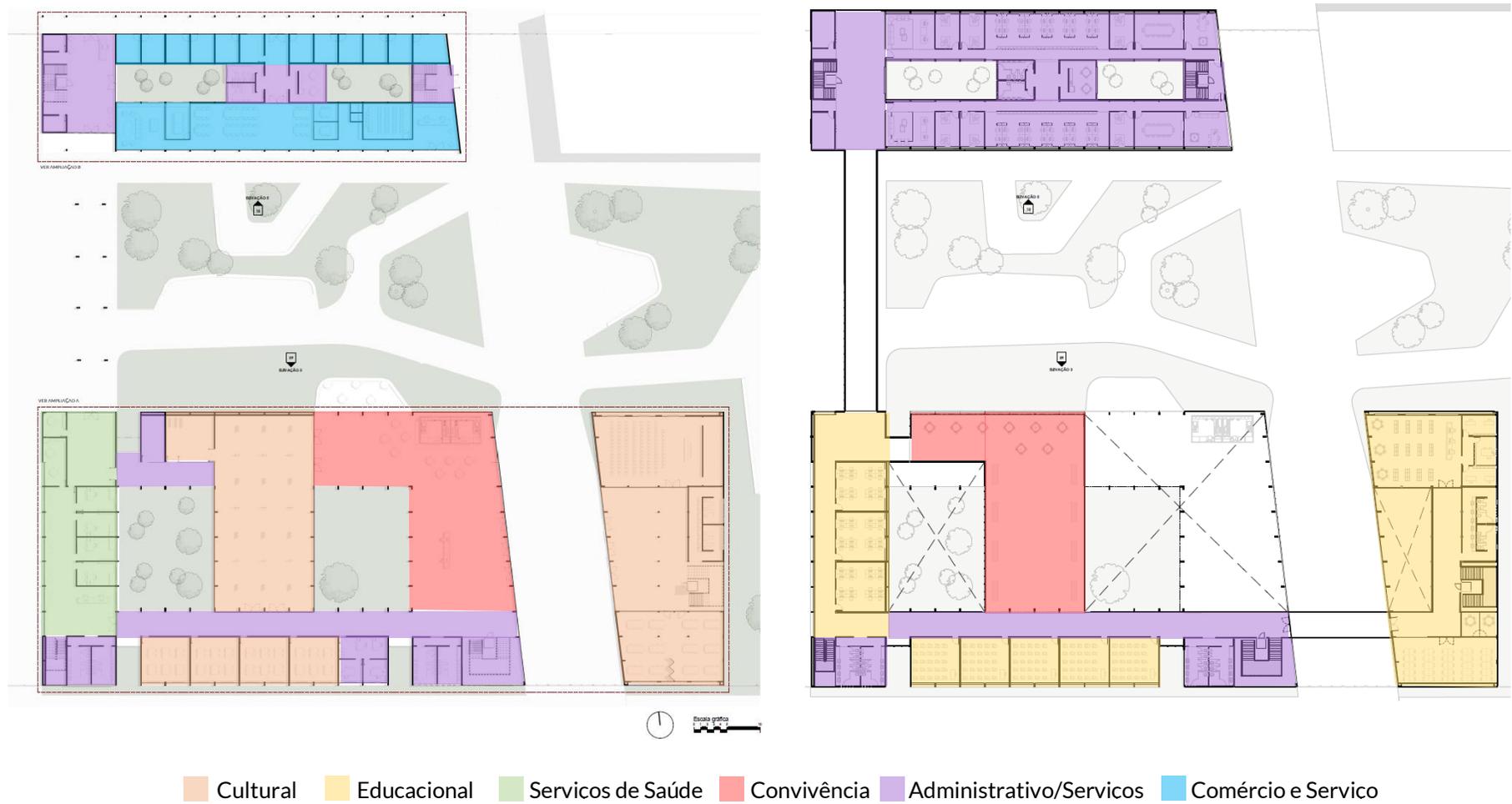


Figura 51 – Plantas Térreo e 1 Pavimento



Figura 52 - Acesso Centro da Diversidade (Autorial, 2023)

O acesso principal ao Centro da Diversidade dá-se pela praça voltada para a rua Costa Sepúlveda, que é marcada por uma grande cobertura ,que funciona como um elemento de conexão entre as diferentes áreas do edifício, podendo ser apropriada com diferentes atividades e feiras, e também como um elemento de orientação para os pedestres, direcionando os pedestres até a praça central da quadra, que se abre para espaços de convivência e lazer, delimitados pela implantação das edificações.



Figura 53 - Hall Centro da Diversidade (Autorial, 2023)

O bloco à esquerda da coberta mencionado no texto é um espaço multifuncional que abriga diferentes atividades, como exposições, salas de aula, ambulatorios e ateliers. Os APÊNDICES C e D contém informações mais detalhadas sobre esses espaços. O hall com pé direito duplo é uma área de destaque do edifício, marcado por uma arcada estrutural que cria circulações perimetrais em torno dos pátios, incluindo uma área de recepção e quiosques de cafeterias, que permitem a integração entre eles, funcionando como espaços comunitários e de livre acesso pela população.



Figura 54 - Pátio Centro da Diversidade (Autorial, 2023)

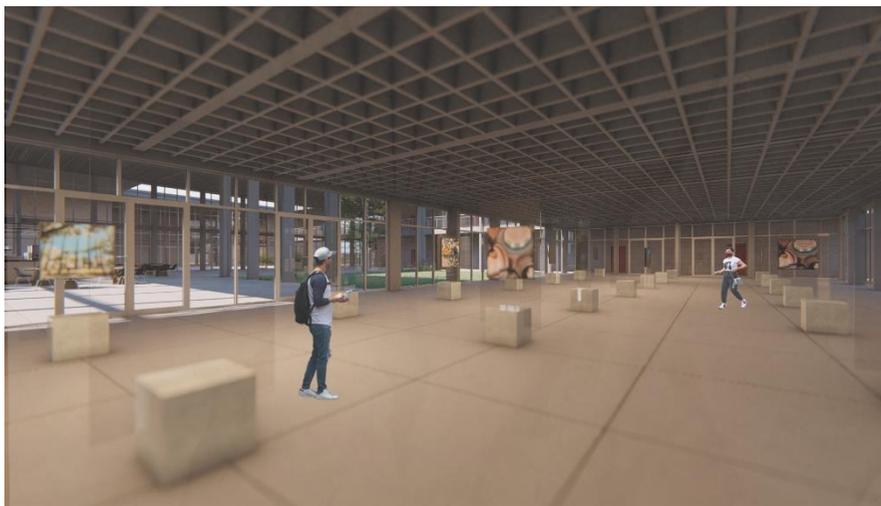


Figura 55 - Sala de Exposição Centro da Diversidade (Autorial, 2023)

O pátio, por sua vez, é subdividido pela Sala de Exposições, que não possui divisórias, permitindo que o vão livre seja explorado para diferentes propostas de exposição, e com esquadrias de vidro, que permite uma integração visual com os jardins contemplativos.

Além dos espaços mencionados anteriormente, o térreo também conta com os ateliers, que são espaços dedicados à oferta de oficinas artísticas e culturais, ambientes importantes para promover o aprendizado e o desenvolvimento cultural. O núcleo de saúde também está localizado no térreo, e inclui salas de atendimento psicoterápico, salas de prevenção a doenças sexualmente transmissíveis e consultório médico, bem como áreas administrativas, como secretaria e administração. Além de uma área técnica que contém o acervo para a sala de exposições, depósito e copa.

No piso superior do edifício, estão localizadas as salas de aula e os laboratórios, que são espaços dedicados à educação e pesquisa, projetados para proporcionar um ambiente propício ao aprendizado e à experimentação, como é o caso do Laboratório de Acessibilidade, incluído no programa. Além disso, há uma

generosa praça de convivência localizada na cobertura da área de exposição, que permite uma permeabilidade visual e física dos espaços, com bancos e mesas para que as pessoas possam desfrutar de momentos de relaxamento e socialização entre diferentes atividades e pessoas.

O bloco à direita da coberta é dedicado a espaços de uso comum e é composto pelo foyer, que é um espaço articulador entre os diferentes usos propostos no edifício. Nele, encontra-se também um mini auditório com capacidade para 120 pessoas, que pode ser utilizado para diferentes ações e cursos oferecidos pelos núcleos. Além disso, o bloco conta com duas salas multiuso com divisórias retráteis, que podem ser utilizadas de forma independente ou combinadas, para formar um espaço único, oferecendo flexibilidade e adaptabilidade aos diferentes usos propostos.

No pavimento superior, encontra-se a biblioteca do Centro da Diversidade, com uma ligação direta com o bloco da esquerda, através de uma passarela, é um espaço que conta com sala para estudos individuais e em grupo, além de uma área de acervo com mesas coletivas.



Figura 56 - Vista do Foyer para o Auditório e Acervo Biblioteca (Autorial, 2023)



Figura 57 - Vista Foyer para Salas Multiuso e Sala de Estudo (Autorial, 2023)



Figura 58 - Fachada de Acesso a Sede dos Núcleos (Autorial, 2023)

No APÊNDICE E, é possível notar a ampliação dos espaços do edifício das sedes dos núcleos do Comitê de Ações Afirmativas, que conta com 11 lojas, no térreo, voltadas para a praça comunitária estabelecendo uma conexão entre o edifício e a comunidade local, com fachadas ativas trazendo mais vitalidade para a área, e o espaço de trabalho colaborativo, como proposta de diversificar os usos existentes na área, que conta com uma planta livre, podendo assumir diferentes layouts de acordo com sua necessidade. Além disso, é importante notar que o acesso aos núcleos nos pavimentos superiores se dá de forma



Figura 59 - Fachada Interna Sede dos Núcleos e Passarela interligando as duas edificações (Autorial, 2023)

independente, com a intenção de organizar o fluxo de pessoas dentro do edifício, ajudando a garantir a privacidade e a segurança dos usuários, bem como facilitar a interação entre os diferentes núcleos.



Figura 60 - Vista Jardim Interno à quadra (Autorial, 2023)



Figura 61 - Vista Painel Centro da Diversidade (Autorial, 2023)

Com a implantação das edificações mais próximas ao passeio, foi possível a criação de uma praça interna à quadra, como um espaço de convivência tanto para os que frequentam o coworking, quanto para os que se dirigem para o Centro da Diversidade, estimulando a interação entre diferentes pessoas. Como solução para a parede cega da Sala de Exposição, foi proposto um grande painel e um jardim contemplativo voltados para a praça.

Com relação às soluções projetuais, adotou-se uma malha regular no alocamento dos pilares, permitindo que a edificação possa ter sua planta modificada de acordo com as necessidades. Assim, foram utilizadas placas de concreto pré-moldadas para as fachadas e a utilização de blocos de concreto nas suas divisões internas. Como elemento compositivo de fachada e com a intenção de filtrar a iluminação e permitir a passagem da ventilação natural, adotou-se um painel vazado metálico na cor branca nas escadas e nas fachadas do Centro da Diversidade. (APÊNDICES I e J). Já as cobertas, optou-se pela laje plana impermeabilizada, com um telhado em telha sanduíche A 120, com inclinação em 3% (APÊNDICE A).

A leitura das três referências, junto com os estudos elaborados nos capítulos 2 e 3, permitiu a construção de um plano geral, ainda que preliminar, de forma a abordar a amplitude da quadra e seu entorno. Já a proposta de arquitetura para as edificações do Centro da Diversidade e da Sede dos Núcleos, buscou agregar usos diversos e espaços múltiplos, de forma a se criar um espaço onde os diferentes corpos possam se sentir acolhidos e respeitados, agregando a comunidade e estimulando a explorá-lo de diferentes formas.

# 5. Considerações

## Finais

Diante dos estudos realizados para a construção deste trabalho, é inegável perceber que tanto a cidade quanto a universidade são espaços atravessados por desigualdades e discriminações, que afetam de forma desproporcional grupos marginalizados, como pessoas negras, indígenas, LGBTQIA+ e pessoas com deficiência. Essas desigualdades se manifestam a partir das relações de poder existentes na sociedade, assumindo mecanismos de controle, e estabelecendo normas e regras que devem ser seguidas pelos indivíduos sob pena de exclusão. Assim, expor esses discursos e práticas discriminatórias, é incentivar a reflexão crítica sobre a forma como esses espaços são construídos, de modo a garantir que todas as pessoas se sintam acolhidas e respeitadas.

Em relação à cidade, buscou-se contestar a homogeneidade e o consenso na prática espacial, uma vez que é preciso reconhecer os processos de atravessamentos entre os diferentes sujeitos e espaços, catalisando as transformações da sociedade e da realidade urbana que desafiam os padrões políticos regulatórios. Assim como, o reconhecimento e a

valorização da heterogeneidade e diversidade, nos espaços, acelerando os processos de subjetivação, permitindo que as pessoas se sintam mais conectadas, e desenvolvam uma identificação com o ambiente em que se encontram.

A universidade, por sua vez, é um espaço de produção de conhecimento e pesquisa, onde se busca compreender e transformar a realidade social. No entanto, é fundamental que, esta, estabeleça políticas e programas que garantam oportunidade para todos, incluindo a adoção de medidas afirmativas, como visto na UFPE, para grupos historicamente marginalizados, se comprometendo como um espaço inclusivo e diverso. Incentivando a formação de grupos de estudantes, professores e funcionários, que trabalham na promoção do respeito, bem como a implementação de ações que visem garantir o acesso e a permanência desses grupos no âmbito universitário.

Combinando esses fatores à possibilidade de expansão da UFPE e da instituição dos núcleos do Comitê de Ações Afirmativas em sua estrutura, optou-se por desenvolver um projeto que atendesse aos anseios da universidade e da

sociedade. Com um programa diverso, buscou-se incorporar edificações de uso misto, contando com usos educacional, cultural e habitacional, no intuito de se criar uma quadra multifuncional, capaz de gerar vitalidade para o seu entorno (JACOBS, 1961).

Logo, ainda que a arquitetura não desempenhe um papel de mudança social, espera-se que o Centro da Diversidade seja um espaço a serviço da coletividade, promovendo a inclusão social, o respeito às diferenças e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Isso implica em garantir que todos os grupos historicamente marginalizados, tenham acesso aos benefícios que a cidade e a universidade podem oferecer.

# 6. Referências Bibliográficas

AGUIAR, Douglas et al (org.). **Urbanidades**. Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, 2012.

AMORIM, L; NASCIMENTO, C.; **Cidade Enclausurada: O Campus Joaquim Amazonas – UFPE e o Recife**. In: SILVEIRA, J; COSTA, A.; SILVA, M.; **Espaços Livres Públicos: lugares e suas interfaces urbanas**. João Pessoa: AB Editora, 2016.

ARAUJO, Rosane. **A cidade sou eu**. Rio de Janeiro: Novamente, 2011. 248 p.

BORRILLO, D. A homofobia. In: LIONÇO, T.; DINIZ, D. **Homofobia e educação: um desafio ao silêncio**. Brasília: Editora UnB, 2009, p. 15-46.

BRASIL. **Pesquisa Pessoas com Deficiência e as Desigualdades Sociais no Brasil**. IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/34889>

-pessoas-com-deficiencia-e-as-desigualdades-sociais-no-brasil.html/ Acesso em: 25 out 2022.

BRASIL. **Pesquisa Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil** IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/25844-desigualdades-sociais-por-cor-ou-raca.html>/ Acesso em: 25 out 2022.

BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 30 ago. 2012.

BRASIL. Decreto-Lei nº 9.388, de 20 de junho de 1946. Cria a Universidade do Recife e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 20 jun. 1946.

CABRAL, Renata Campello. **Mario Russo**: um arquiteto racionalista italiano em Recife . Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006. xviii, 291 p. ISBN 8573153296 (enc.).

CARVALHO, Claudio Oliveira; MACEDO JÚNIOR, Gilson Santiago. 'Isto é um lugar de respeito!': a construção heteronormativa da cidade-armário através da invisibilidade e violência no cotidiano urbano. **Revista de Direito da Cidade**, [S.L.], v. 9, n. 1, p. 103-116, 31 jan. 2017. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. <http://dx.doi.org/10.12957/rdc.2017.26356>. Acesso em: 03 jul. de 2022.

CASA 1. **Casa 1**. São Paulo: 2018a. Disponível em: <http://www.casaum.org/>. Acesso em: 25 out. 2022.

CÔRTEZ, José Miguel Garcia. **Políticas do Espaço**: arquitetura, gênero e controle social. São Paulo: Editora Senac, 2008.

DUARTE, Artur de Souza e CYMBALISTA, Renato. **Não só moradia**: a Casa 1, suas estratégias espaciais, e o fortalecimento

da vizinhança em diálogo com a militância LGBT. 2019, Anais.. Natal: ANPUR, 2019. Disponível em: <http://anpur.org.br/xviiienanpur/anaisadmin/capapdf.php?reqid=581>. Acesso em: 22 jun. 2022.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Sujeito e subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Thomson, 2003. xii, 290 p.

GUATTARI, Félix. Da produção de subjetividade. In: PARENTE, André. **Imagem-Máquina**: a era das tecnologias do virtual. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2011.

GUATARRI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica** – cartografias do desejo. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2007. KIPNIS, Kpnis; LEESER, Thomaz [Org.].

LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Moraes, 2001.

LEFEBVRE, Henry. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La Production de l'espace. 4. ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão início – fev. 2006.

MAHLER, Christine Ramos. **Territórios Universitários: tempos, espaço, formas**. 2015. 304 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

MONTANER, Josep Maria; MUXÍ, Zaida. **Arquitetura e Política: ensaios para mundos alternativos**. São Paulo: Gustavo Gili, 2019. 253 p.

MONTEIRO, Thiago Fernandes. **Visibilidade LGBT: Novas formas de se (vi)ver a cidade**. Orientador: Ruskin Freitas. 2019. 103 f. TCC (Graduação) - Arquitetura e Urbanismo, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2019.

MOREIRA, Fernando Diniz; CUNHA, Roberto Montezuma Carneiro da; VIEIRA, Luiz Goés. O Campus da UFPE: desafios e perspectivas futuras. In: Seminário Docomomo BR: Arquitetura Moderna Brasileira. 15 anos do Docomomo Brasil. Todos os mundos um mundo só, 13., 2019, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: Instituto de Arquitetos do Brasil, 2019. p. 5-10. Disponível em: <https://docomomobrasil.com/wp-content/uploads/2020/04/110743.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2022

PALLASMAA, J. **Habitar**. Trad. Alexandre Salvaterra. São Paulo: Editora G. Gili, Ltda, 2017.

Prefeitura do Recife. ESIG Informações Geográficas Recife. Disponível em: <<https://esigportal2.recife.pe.gov.br/portal/apps/webappviewer/index.html?id=7f6ee791d4d94be4bcf1d0bb93a162a9>>. Acesso em 07 out. 2022.

RIBEIRO, Cristine Jaques; MORAES, Camila de Freitas; KRUGER, Nino Rafael Medeiros. **A UNIVERSIDADE E OS CORPOS INVISIBILIZADOS**: para se pensar o corpo lgbt. Diversidade e Educação, [S.L.], v. 7, n. 2, p. 357-372, 20 fev. 2020. Lepidus Tecnologia. <http://dx.doi.org/10.14295/de.v7i2.9305>. Acesso em: 07 jul. 2022

SANTOMÉ, J. T. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, T. (Org.). **Alienígenas na sala de aula**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 159-177. (Coleção estudos culturais em educação).

UFPE. Portaria Normativa N° 04/2016, 19 de fevereiro de 2016. Institui o Núcleo de Acessibilidade da Universidade Federal de Pernambuco. **Boletim Oficial da Universidade Federal de Pernambuco**. Recife, PE, v. 51, n. 17, p. 1-3. 20 de fevereiro de 2016.

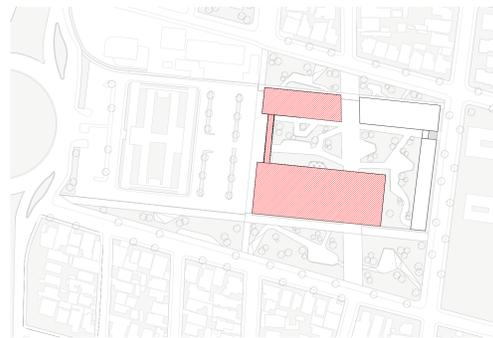
UFPE. Portaria Normativa N° 32/2020, 11 de agosto de 2020. Aprova a Estrutura Regimental do Gabinete do Reitor, e dá outras providências. **Boletim Oficial da Universidade Federal de Pernambuco**. Recife, PE, v. 55, n. 81, p. 15-17. 13 de agosto de 2016.

UFPE. Portaria Normativa N° 40/2020, 11 de novembro de 2020. Aprova a Estrutura Regimental do Gabinete do Reitor, e dá outras providências. **Boletim Oficial da Universidade Federal de Pernambuco**. Recife, PE, v. 55, n. 121, p. 10-16. 12 de novembro de 2020.

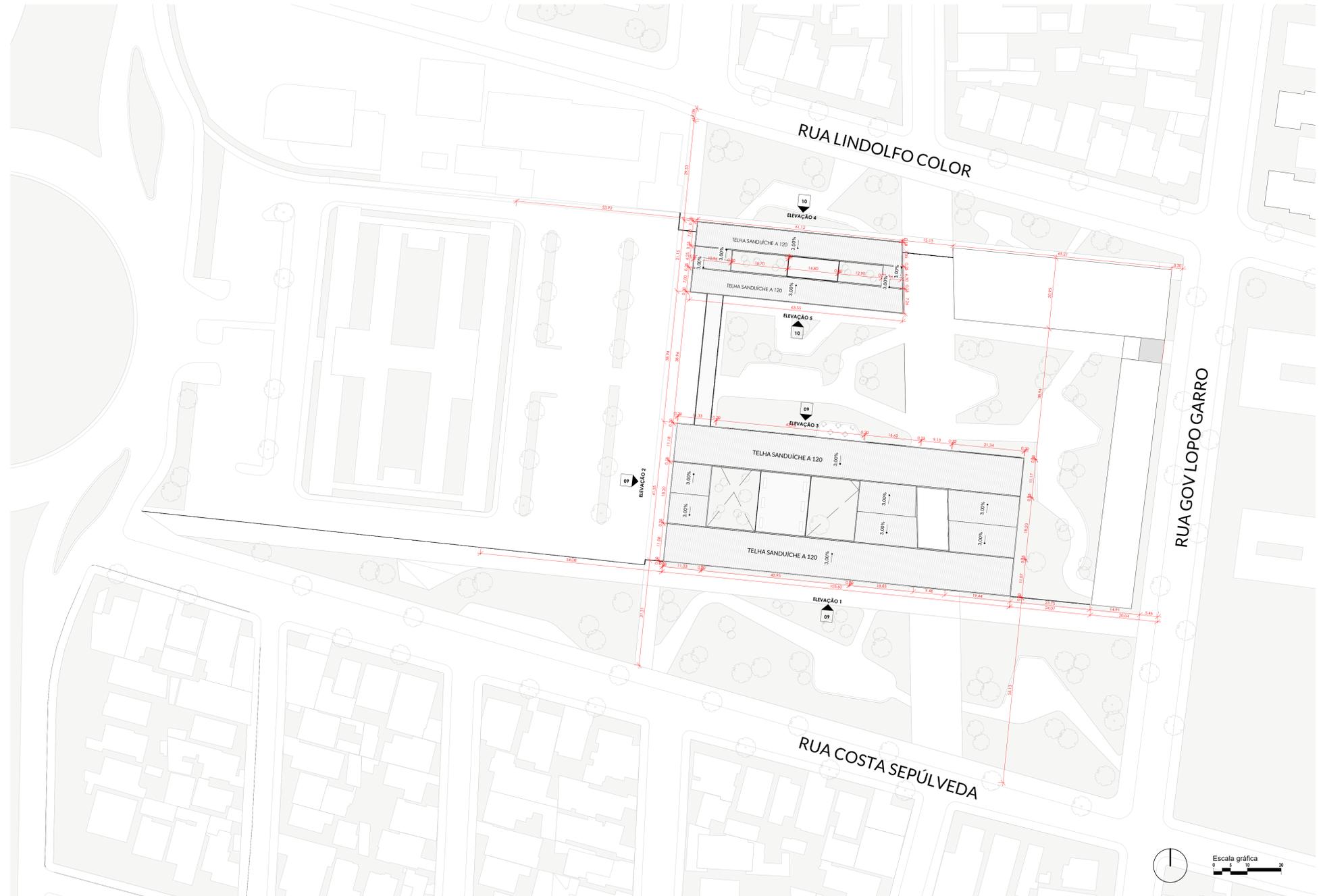
UFPE. **Plano Diretor Físico** – Campus Universitário Joaquim Amazonas. Primeira Edição, Editora Universitária, Recife, Brasil, 1985.

UFPE. **Plano Diretor UFPE 2015**: Proposta para discussão. Recife, Brasil, 2016.

UFPE. **Plano Diretor UFPE 2020**: Proposta para discussão. Recife, Brasil, 2020.

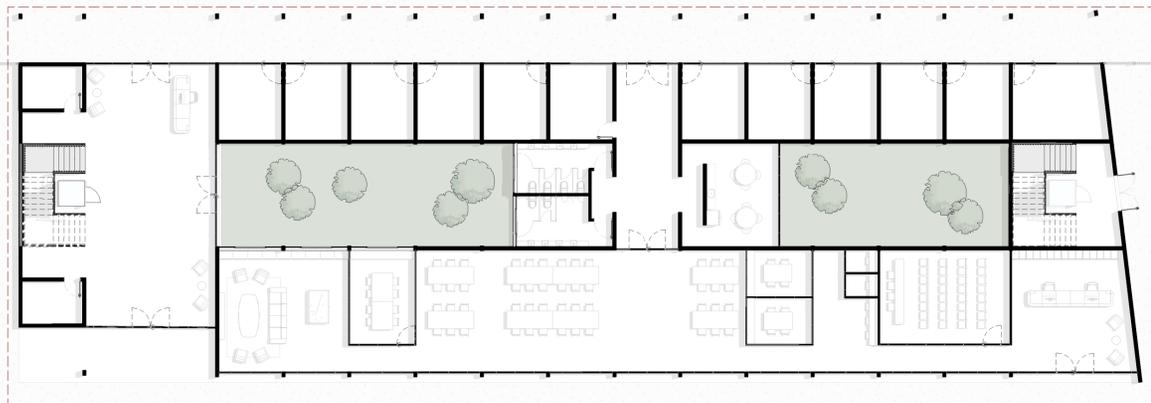


2 PLANTA DE SITUAÇÃO  
1 : 2000

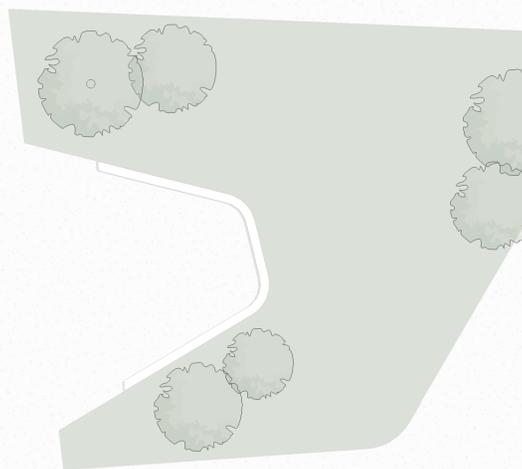
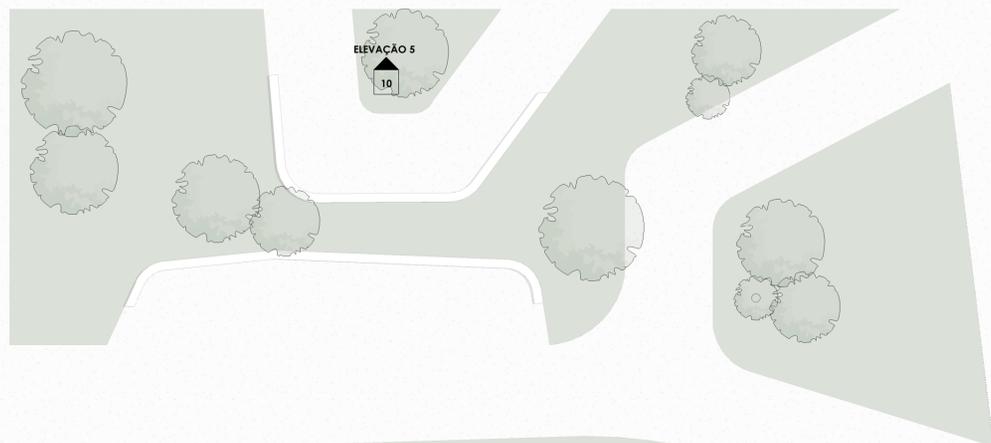


1 PLANTA DE LOCAÇÃO E COBERTA  
1 : 500

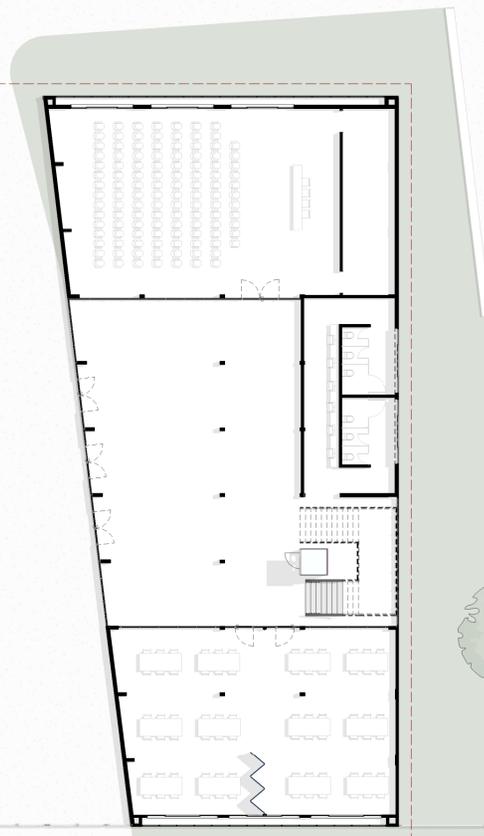
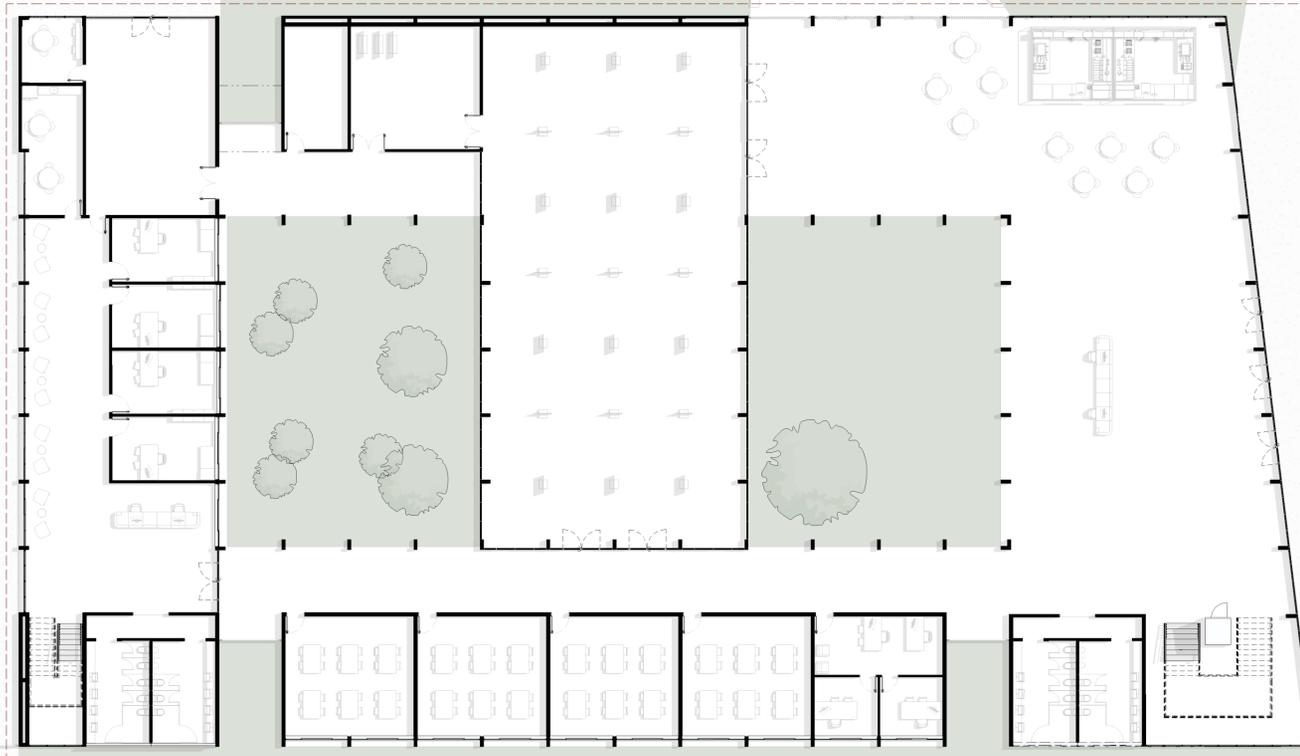
|  |                                     |            |
|--|-------------------------------------|------------|
|  | UFPE - ARQUITETURA E URBANISMO      |            |
|  | TRABALHO DE CURSO II - 2022.2       |            |
|  | ALUNO: JOSÉ FERNANDES DA SILVA NETO | Nº PRANCHA |
|  | ORIENTADORA: LÍVIA MORAIS NÓBREGA   | 01/10      |
| DATA: ABRIL/2023   | ESCALA: Como indicado               |            |
| INTEGRANDO SUBJETIVIDADES: ANTEPROJETO DE UM CENTRO DA DIVERSIDADE PARA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO |                                     |            |
| CONTEÚDO: APÊNDICE A - PLANTA DE SITUAÇÃO E LOCAÇÃO E COBERTA  |                                     |            |

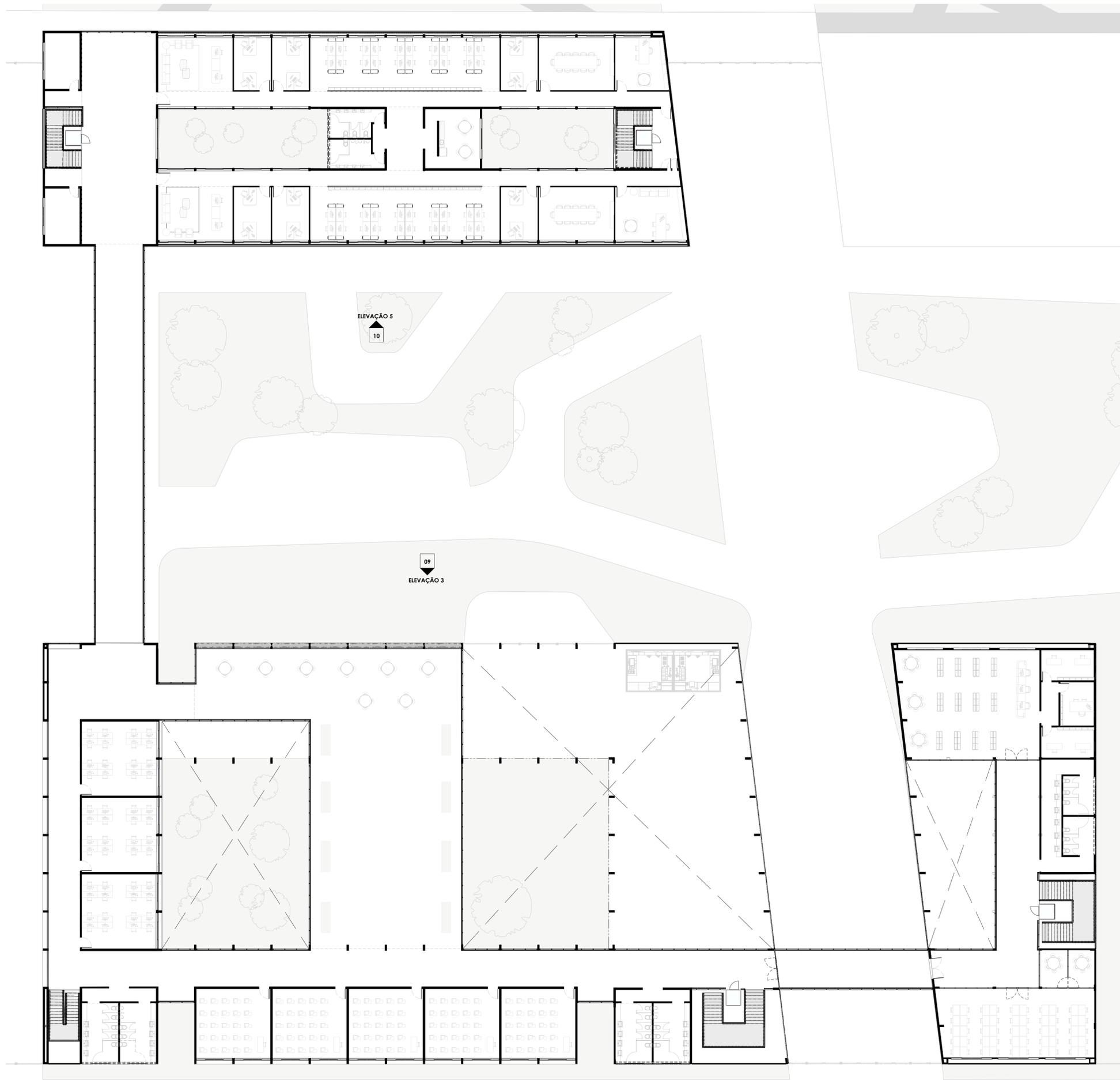


VER AMPLIAÇÃO B



VER AMPLIAÇÃO A

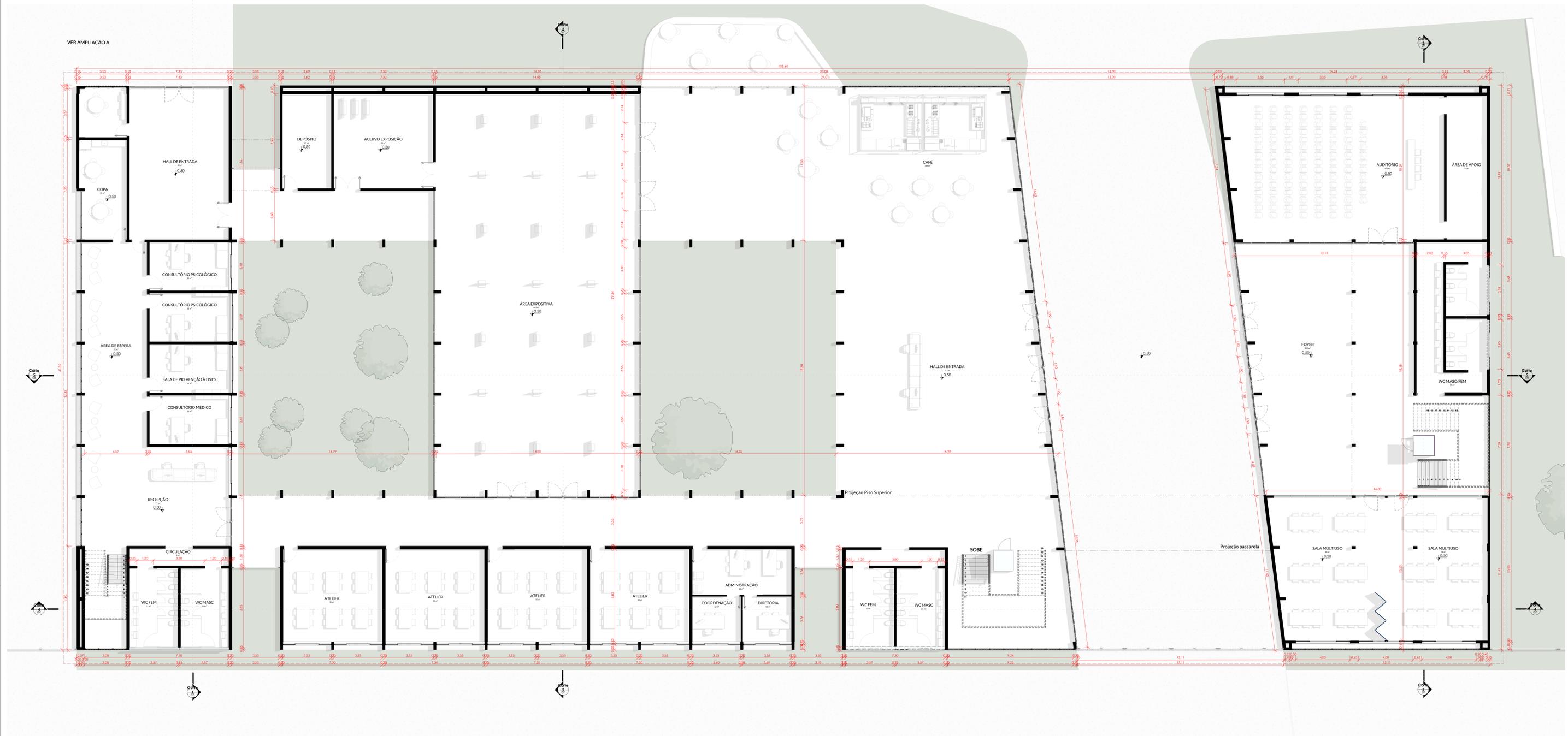




Escala gráfica  
0 1 2 3 4 5 10

1 PLANTA BAIXA - 1 PAV  
1 : 200

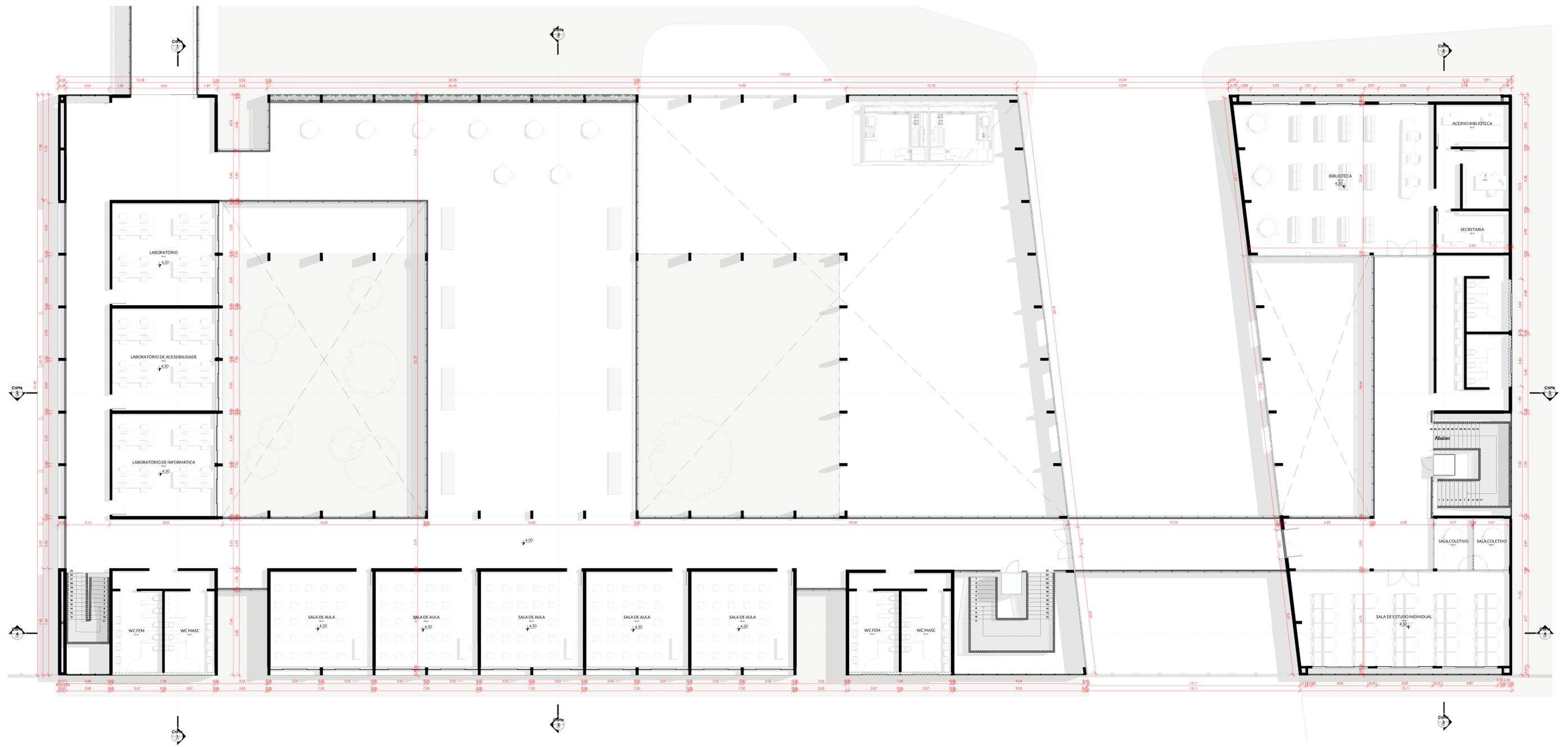
|  |                                     |            |
|--|-------------------------------------|------------|
|                       | UFPE - ARQUITETURA E URBANISMO      |            |
|  | TRABALHO DE CURSO II - 2022.2       |            |
|  | ALUNO: JOSÉ FERNANDES DA SILVA NETO | Nº PRANCHA |
|  | ORIENTADORA: LÍVIA MORAIS NÓBREGA   | 03/10      |
| DATA: ABRIL/2023   | ESCALA:<br>1 : 200                  |            |
| INTEGRANDO SUBJETIVIDADES: ANTEPROJETO DE UM CENTRO DA DIVERSIDADE PARA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO |                                     |            |
| CONTEÚDO<br>APÊNCIDE C - PLANTA BAIXA - 1 PAV  |                                     |            |



1 **TÉRREO - CENTRO DA DIVERSIDADE**  
1 : 100



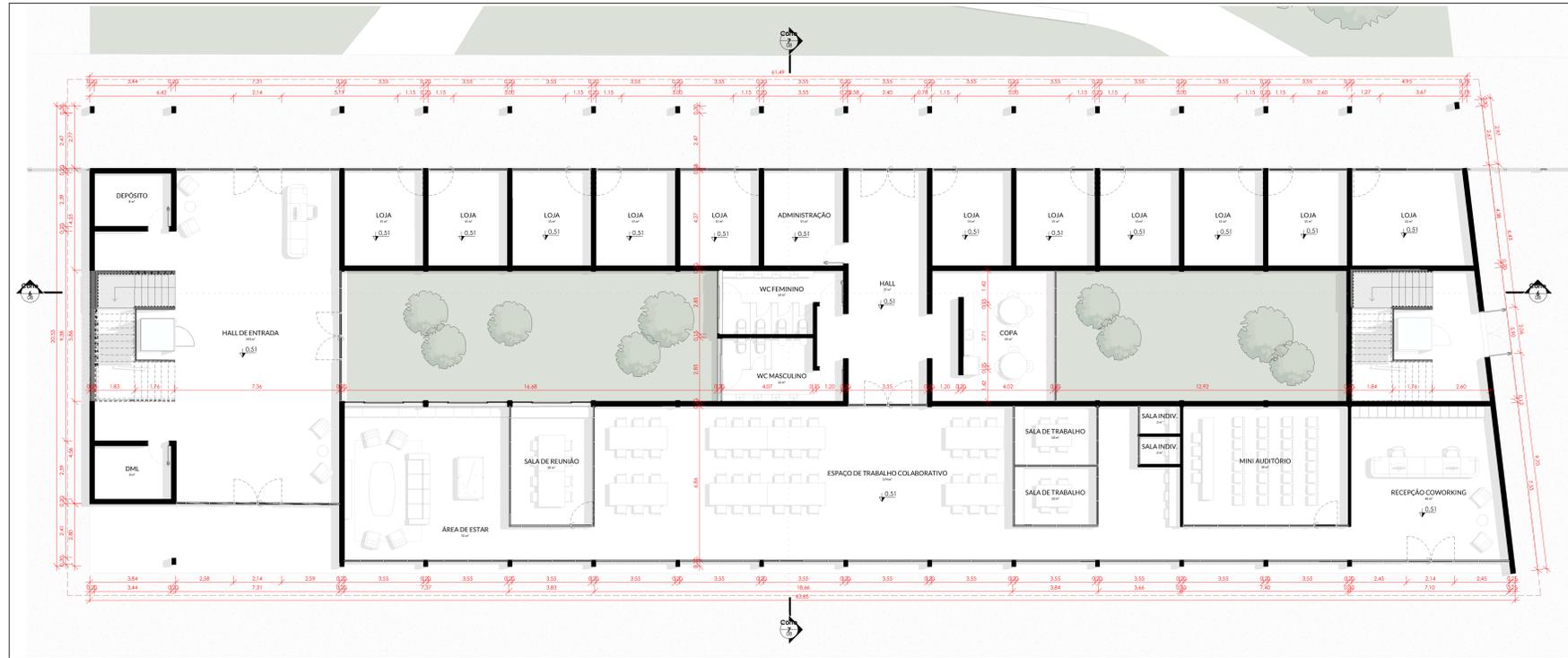
|  |                                       |                    |
|--|---------------------------------------|--------------------|
|  | <b>UFPE - ARQUITETURA E URBANISMO</b> |                    |
|  | TRABALHO DE CURSO II - 2022.2         |                    |
|  | ALUNO: JOSÉ FERNANDES DA SILVA NETO   |                    |
|  | ORIENTADORA: LÍVIA MORAIS NÓBREGA     | Nº PRANCHA         |
| DATA: ABRIL/2023   | <b>04/10</b>                          |                    |
| INTEGRANDO SUBJETIVIDADES: ANTEPROJETO DE UM CENTRO DA DIVERSIDADE PARA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO |                                       |                    |
| CONTEÚDO<br>APÊNDICE D - PLANTA BAIXA TÉRREO CENTRO DA DIVERSIDADE   |                                       | ESCALA:<br>1 : 100 |



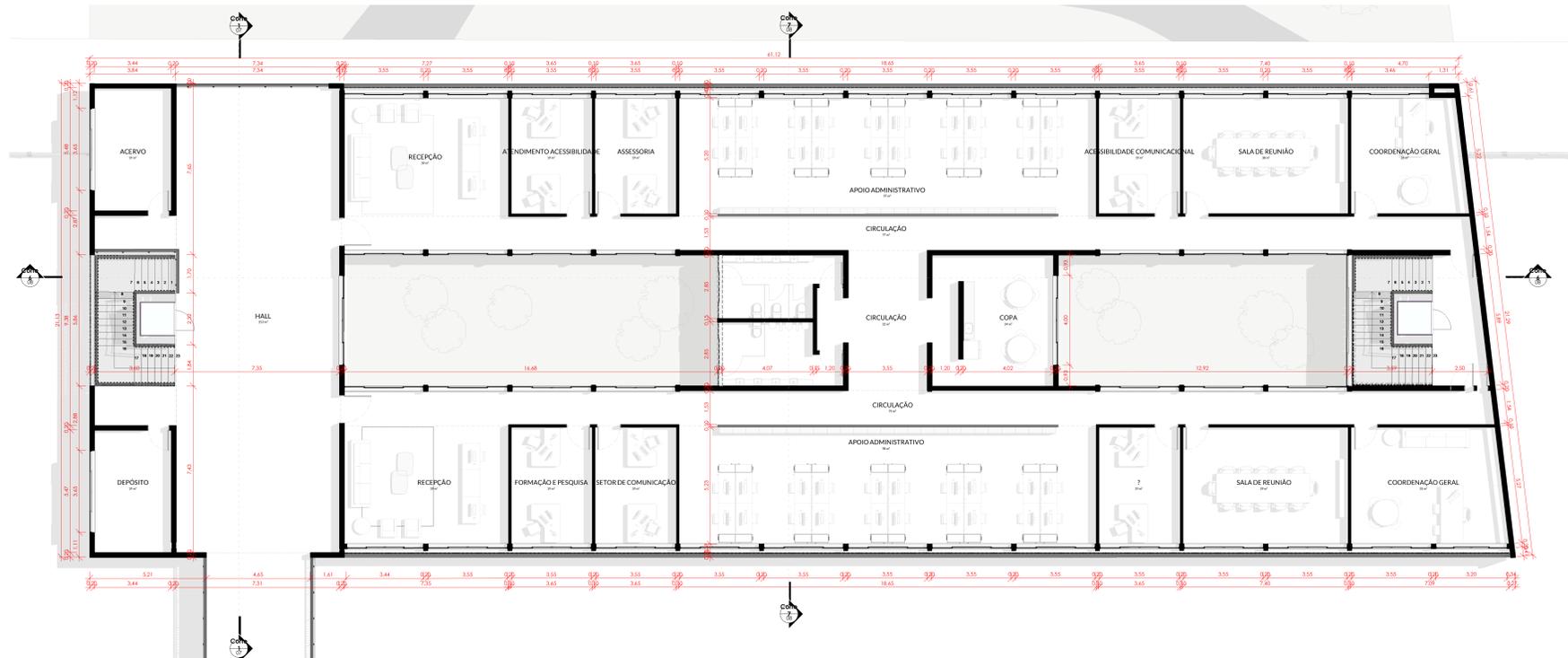
1 1 PAV - CENTRO DA DIVERSIDADE  
1 : 100



|  |                                     |                 |
|--|-------------------------------------|-----------------|
|  | UFPE - ARQUITETURA E URBANISMO      |                 |
|  | TRABALHO DE CURSO II - 2022.2       |                 |
|  | ALUNO: JOSÉ FERNANDES DA SILVA NETO |                 |
|  | ORIENTADORA: LÍVIA MORAIS NÓBREGA   | Nº PRANCHA      |
|  | DATA: ABRIL/2023                    | 05/10           |
| INTEGRANDO SUBJETIVIDADES: ANTEPROJETO DE UM CENTRO DA DIVERSIDADE PARA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO |                                     |                 |
| CONTEÚDO: APÊNDICE E - PLANTA BAIXA - 1 PAV - CENTRO DA DIVERSIDADE  |                                     | ESCALA: 1 : 100 |



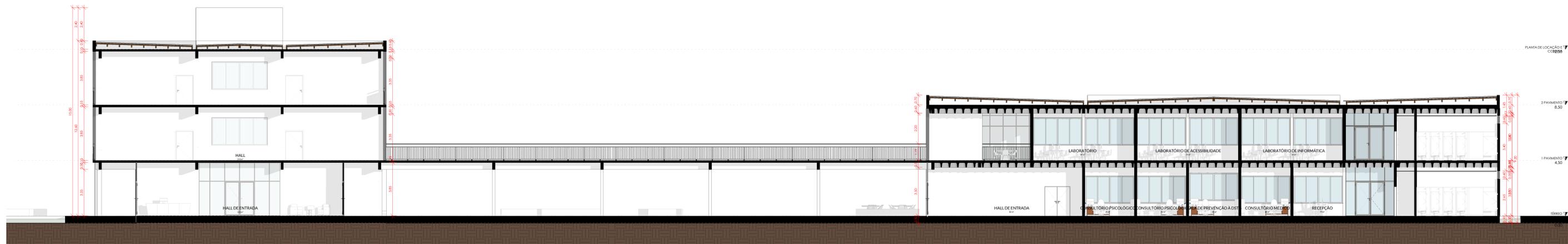
1 **TÉRREO - SEDE DOS NÚCLEOS**  
1 : 100



2 **PAV TIPO - SEDE DOS NÚCLEOS**  
1 : 100

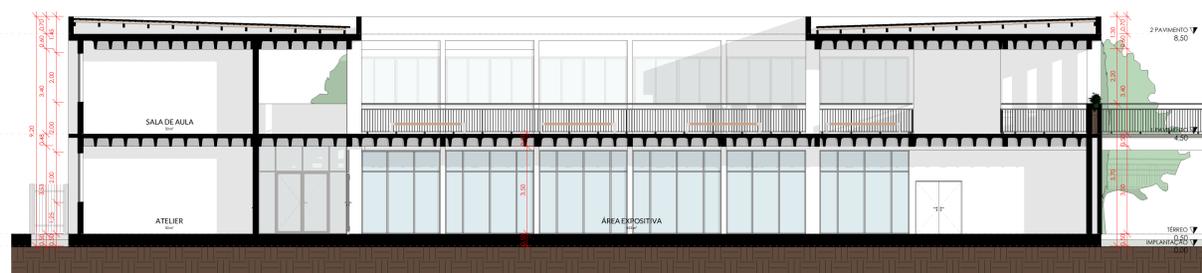


|  |                                       |                    |
|--|---------------------------------------|--------------------|
|  | <b>UFPE - ARQUITETURA E URBANISMO</b> |                    |
|  | TRABALHO DE CURSO II - 2022.2         |                    |
|  | ALUNO: JOSÉ FERNANDES DA SILVA NETO   |                    |
|  | ORIENTADORA: LÍVIA MORAIS NÓBREGA     | Nº PRANCHA         |
| DATA: ABRIL/2023   |                                       | <b>06/10</b>       |
| INTEGRANDO SUBJETIVIDADES: ANTEPROJETO DE UM CENTRO DA DIVERSIDADE PARA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO |                                       |                    |
| CONTEÚDO<br>APÊNDICE F - PLANTA BAIXA TÉRREO E PAV. TIPO SEDE DOS NÚCLEOS                                  |                                       | ESCALA:<br>1 : 100 |



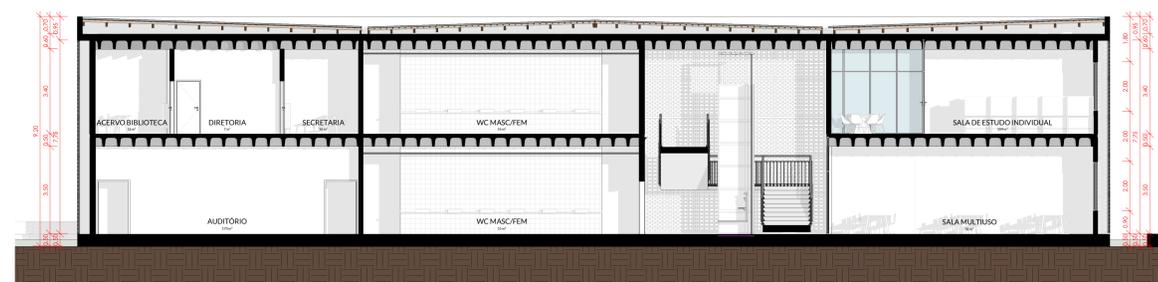
1 Corte 1  
1 : 100

Escala gráfica  
0 1 2 3 4 5



2 Corte 2  
1 : 100

Escala gráfica  
0 1 2 3 4 5



3 Corte 3  
1 : 100

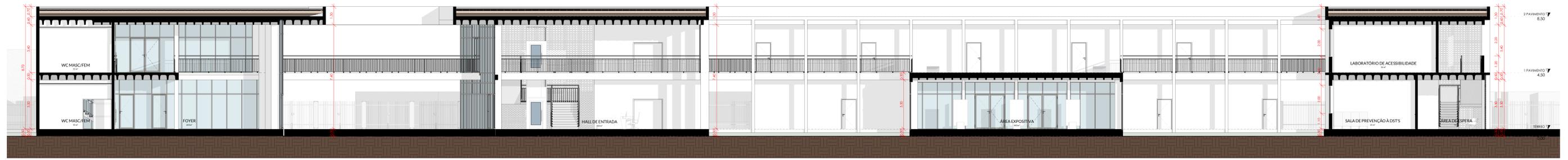
Escala gráfica  
0 1 2 3 4 5



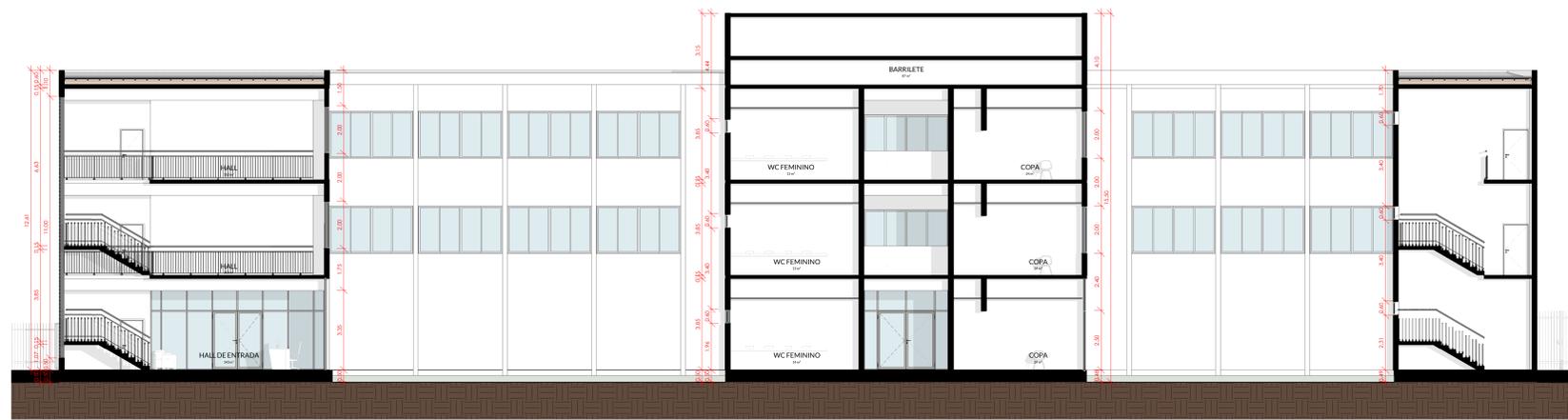
4 Corte 4  
1 : 100

Escala gráfica  
0 1 2 3 4 5

|  |                                     |            |
|--|-------------------------------------|------------|
|  | UFPE - ARQUITETURA E URBANISMO      |            |
|  | TRABALHO DE CURSO II - 2022.2       |            |
|  | ALUNO: JOSÉ FERNANDES DA SILVA NETO |            |
|  | ORIENTADORA: LÍVIA MORAIS NÓBREGA   | Nº PRANCHA |
|  | DATA: ABRIL/2023                    | 07/10      |
| INTEGRANDO SUBJETIVIDADES: ANTEPROJETO DE UM CENTRO DA DIVERSIDADE PARA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO |                                     |            |
| CONTEÚDO<br>APÊNDICE G - CORTES  | ESCALA:<br>1 : 100                  |            |



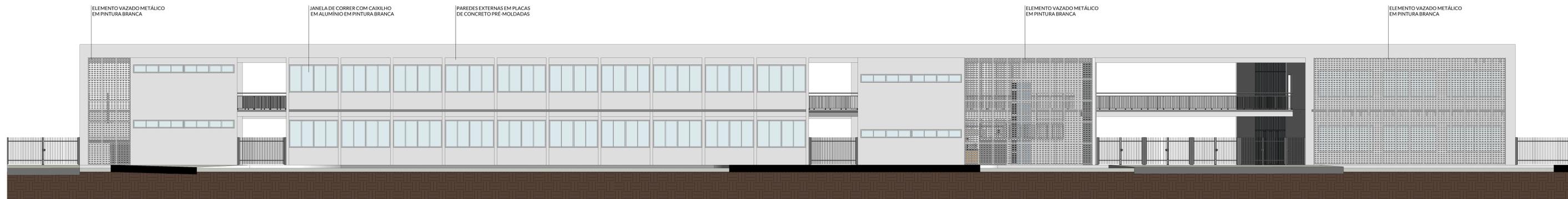
1 Corte 5  
1 : 100



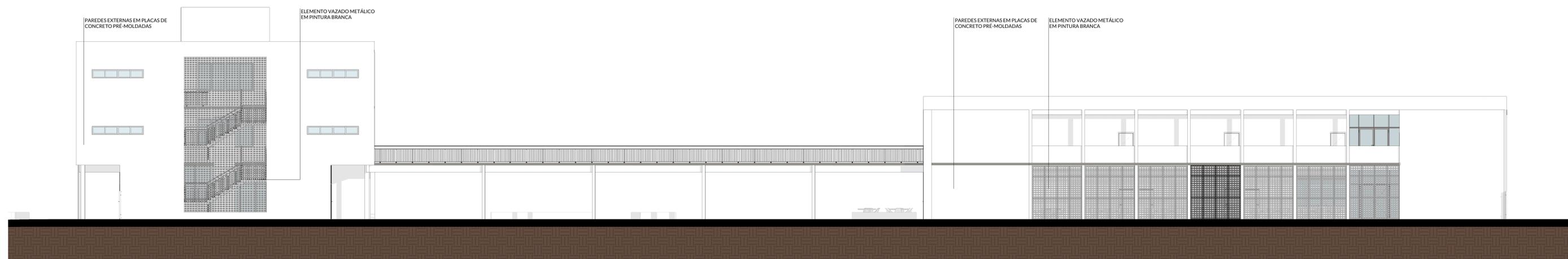
2 Corte 6  
1 : 100



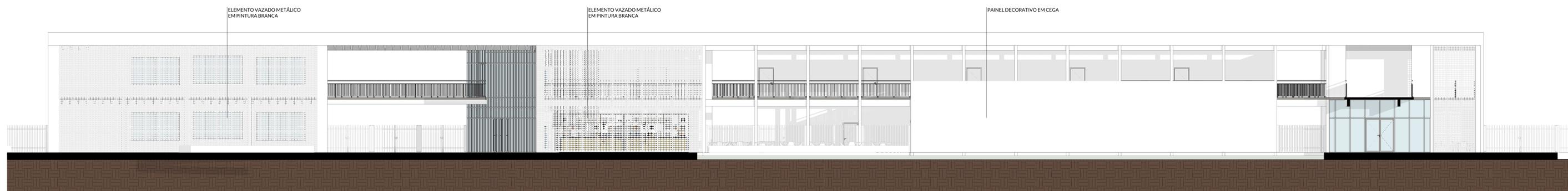
3 Corte 7  
1 : 100



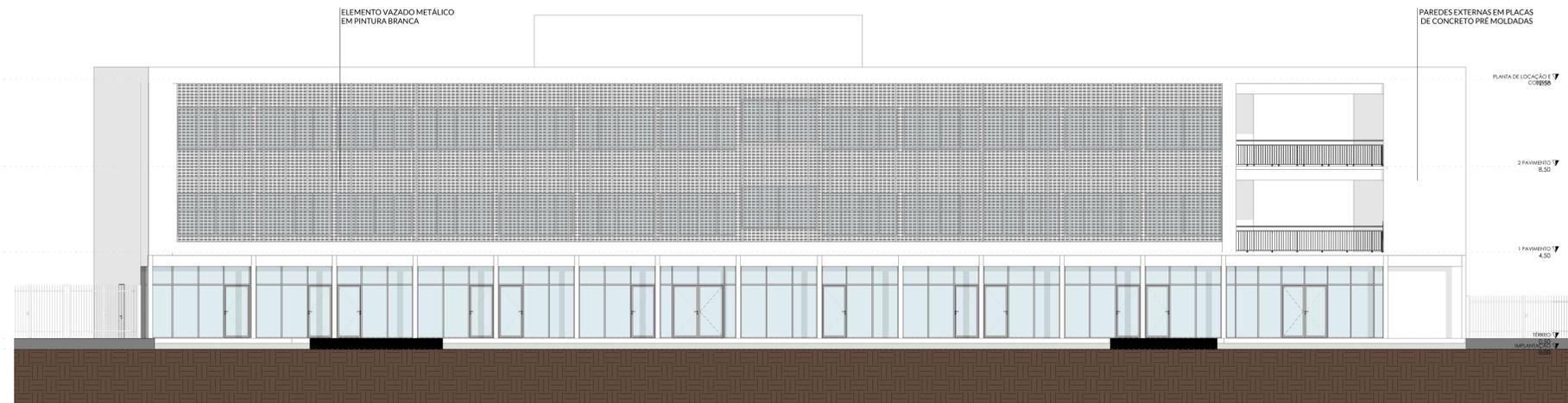
1 ELEVÇÃO 1  
1 : 100



2 ELEVÇÃO 2  
1 : 100



3 ELEVÇÃO 3  
1 : 100



1 ELEVÇÃO 4  
1 : 100



2 ELEVÇÃO 5  
1 : 100

